

A BOLSA DA MINHA MÃE

e outros contos

JULIO PEREZ



"Tenho passado a maior parte do meu tempo escrevendo mensagens e as lançado ao mar, dentro de garrafas, com pedidos de socorro. Não tenho obtido resposta, apesar de estar nesta atividade há anos. No entanto, encontrei no ato de escrever um prazer que não conhecia. Prazer esse oriundo da satisfação de produzir histórias. A solidão a que fui constrangido pelo naufrágio tem-me proporcionado o ambiente ideal para esse tipo de atividade."

Assim começa o autor mais uma das suas insólitas histórias. Esta desenvolvendo o conceito do que o autor entende como o ato de escrever. Num paralelo com o arquétipo do náufrago num ilha, o autor ilustra a dificuldade de comunicação entre o público e todo aquele que cultiva alguma forma de arte, sobretudo num sociedade como a nossa tão materialista.

Este livro - mais uma mensagem jogada ao mar - tem esse escopo: uma tentativa de comunicação com o público que resgate, da solidão e indiferença a que normalmente é condenado, todo aquele que se dedica a alguma forma de arte.

O Editor.

**A BOLSA DA
MINHA MÃE**
e outros contos

JULIO PEREZ



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Júlio Perez

A Bolsa da Minha Mãe
e Outros Contos

Projeto Passo Fundo

Passo Fundo
2012

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato:

projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

Revisado pelo Sistema Educacional Prof. Ironi

Andrade Capa: Guilherme Perez

P438b Perez, Júlio

A bolsa da minha mãe e outros contos [recurso eletrônico] / Júlio Perez. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2012.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-65-3

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

A dignidade de movimento de um iceberg se deve ao fato de apenas um oitavo da sua massa estar fora d'água.

Ernest Hemingway

Apresentação

Estes contos consolidam um período que vai de 1995 – um ano mágico para mim – até o dias atuais. É claro que neste intervalo muitas coisas aconteceram, entre eles, 2 livros de poemas, escritos e publicados com relativo êxito. Relativo porque, embora a repercussão destas publicações tenha sido pequena – a sina talvez de todo escritor de província –, são filhos que não renego, o que não é pouco para um escritor iniciante, pois o tempo é um impiedoso crítico e estas duas publicações tem resistido relativamente bem a ele.

Pois bem, estes contos representam um período da minha vida literária que começou magicamente no ano de 1995, depois que um grande amigo – o escritor Jorge Salton – me disse que teve que esperar até os 40 anos para começar a escrever. Na época, com 27 anos, tive um insight: por que esperar até lá? E então, aquela vontade de escrever que vinha desde os meus 14 anos desaguou em uma série de criações que hoje se consubstanciam no presente livro.

Inspirado principalmente em Kafka e em suas histórias insólitas, sobretudo as contidas num obscuro livro seu intitulado A Muralha da China, reduzi ao papel muitas histórias que julgo possuem algumas destas características. Chamo-as de contos, embora, talvez, nem todas ajustem-se com precisão aos rígidos termos técnicos desta forma literária. Julguem-nas os catedráticos.



Agradecimentos

A presente publicação é mais um fruto do Projeto Passo Fundo, o qual, embora não contando com o apoio da Academia (no sentido do saber institucionalizado) e com as iniciativas oficiais (quando existentes), tem feito muito pela produção literária local de Passo Fundo.

Meus agradecimentos, pois, ao Projeto Passo Fundo, ao Jorge Salton e à Academia Passo-Fundense de Letras, sempre tão acolhedora às iniciativas culturais locais.

Sumário

A Maldição de Casanova	13
A Flor e o Besouro - Uma alegoria para o amor	21
Os Jornais	23
Fila sem Fim	29
A Bolsa da Minha Mãe	31
A Navalha	45
A Carta	47
Abraão ou A Importância da Cultura	67
O Interfone	69
Cosmogonia	77
Caixa de Ferramentas	79
Conversa entre Amigos	85
Travessia	87
Definição de um Escritor	109
A Revolução Sexual	111
Mãos Rachadas	115
O Alquimista	119
Contrato de Casamento	123



A Maldição de Casanova

Casanova já não era mais o mesmo. O maior amante da Terra estava ficando impotente. Seu estilo galanteador já não fazia mais sentido, e as mulheres começavam a reclamar da sua falta. Sem saber como agir, Casanova resignava-se a um risinho contrafeito e, sorrateiramente, batia em retirada. Solitário em sua cela, tinha, agora, tempo para refletir sobre sua vida, sobre como ela tinha se fundado sobre um “valor” tão frágil. Como pudera não ter pensado que um dia a sua virilidade declinaria? Viver tão inconsequentemente, achando que seu encanto jamais acabaria? Ter feito tanto nome entre as mulheres e hoje ser motivo de zombaria? Sequer tinha coragem para sair às ruas. Sentia que o apontavam pelas costas com comentários jocosos.

De vez em quando, ainda, algum marido traído afrontava-lhe na rua, de espada em riste, tardiamente informado de uma antiga traição. Mas, quando lhe diziam que já não valia mais a pena bater-se com um homem acabado como Casanova, vingava-se o chifrudo embainhando a espada, risinho, escarnecendo da desgraça do outro. Sabia que, dessa maneira, feria-lhe mais do que se lhe atravessasse o coração com o florete. Casanova, então, mais uma vez humilhado, retirava-se coberto pela capa, sob a algazarra da plebe.



Uma noite ele saiu da cidade. Atravessou os portões exteriores em busca da floresta onde, dizia-se, morava uma velha bruxa que poderia ajudá-lo. Deixou para trás a segurança do seu ambiente e aventurou-se naquela busca, indiferente aos riscos que corria.

A floresta ficava a alguns quilômetros e era habitada por toda sorte de bandidos e malfeitores que ali se refugiavam da lei. Mas, fiando-se apenas em sua espada, Casanova não temia mal algum. Qualquer promessa de cura justificava o pior dos riscos.

Por fim, divisou ao longe, sob a luz da lua, uma massa escura, como um monólito, no meio do campo, a cortar o passo do viajante mais audaz e pela qual até durante o dia os homens hesitavam passar. A floresta! Casanova, no entanto, não teve um pensamento de receio. Sentia-se, antes, encorajar pelas dificuldades que se podiam apresentar. Tudo isso, aliás, contribuía para recrudescer a fé de que, ali, encontraria a cura. Mas, ainda era preciso sair do caminho principal para encontrar a gruta da velha sibila. Não tinha ideia de por onde começar. No entanto, por alguma razão de ordem sobrenatural, seus passos começaram a ser conduzidos tão logo adentrou a mata, de maneira que, em pouco tempo, achou-se a poucos metros de uma gruta incrustada na rocha, à beira de um barranco profundo, de onde emanava uma luz bruxuleante provinda de tochas em seu interior.

Teve que subir engatinhando a ravina até a borda da caverna. E o que viu, quando ali chegou, quase o fez re-



troceder. Vidros com animais mortos, mergulhados em um líquido viscoso e em decomposição, ladeavam as paredes da entrada, enquanto entre elas aranhas trabalhavam freneticamente em sua teias, animadas pela caça abundante de insetos que a luz das tochas atraía.

Dois olhos rosnaram à sua aproximação. Só então ele percebeu a presença de um Cérbero a se destacar do fundo da caverna, com os dentes arreganhados em sua direção. Quis voltar atrás, mas, neste momento, uma forma bizarra desprende-se da parede, às suas costas, vindo em sua direção, ao mesmo tempo em que grasnava com o cachorro.

– O que queres aqui, imprestável? – resmungou a bruxa.

– A cura do meu mal – respondeu Casanova.

– E qual é teu mal, alma danada?

– Não tenho mais o vigor de outrora com as mulheres.

– Estás brocha! – riu a velha divertindo-se com as misérias do outro. De repente, mudando de tom: – Por que te afliges com isso, imbecil? Acaso não sabes que a mulher só traz desassossego para o homem?

– Mas eu amo as mulheres...

– Ora, amas. O que sabes tu do amor? Tu apenas as desgraças!

– Não é verdade! Todas desejam o que eu tenho... ou tinha pelo menos – compungia-se Casanova.



– Vives melhor assim! Não me incomodes com isso! Volta para o lugar de onde vieste! Deixa-me em paz! – respondeu-lhe a bruxa, dando-lhe as costas.

– Por favor, não subestime meu pedido! Eu apenas quero voltar a ser quem eu era. Sabes quem eu sou, não?! – disse para impressioná-la.

– Sei! O tolo Casanova de quem hoje todos fazem zombaria.

– Então você sabe do meu problema. Por que não me ajuda?!

– Por que deveria? Para sustentar tua vaidade? Para que tu desgraças ainda mais a vida de outras mulheres?

– Não sabia que você se preocupava com os outros? Por que vive aqui, então, retirada neste lugar... arrepiante?

– Por quem me tomas?! Achas que estou preocupada com as fêmeas que tu desgraças? – respondeu-lhe furiosa a velha, ameaçando avançar nele.

Casanova percebeu seu ponto fraco. Tentar-lhe-ia para que ela lhe entregasse o segredo da cura.

– Sabe que eu posso pagar, e bem, pela cura do meu mal? Tenho dinheiro e propriedades! Tudo o que eu quero é voltar a ser o homem que já fui outrora.

– Preciso pensar. Tuas posses não me interessam. A riqueza já não faz qualquer diferença para mim.



Casanova se impacientava. Talvez ela estivesse blefando, querendo valorizar seus supostos poderes.

– Há apenas uma coisa – recomeçou a velha – que pode decidir a solução dos teus problemas: eu sou apenas uma velha, cheia de maldições acumuladas ao longo de uma vida voltada para o mal. Quem sabe eu pudesse resgatar a minha alma se eu... vá embora! Eu preciso pensar. E não volte mais aqui! Quando eu decidir, tu saberás. Não me importunes mais! Deixa-me em paz com os meus demônios, se não, ele saberá o que fazer contigo – disse voltando-se para o cão que só esperava um sinal para atacar, enquanto ela sumia na escuridão da caverna.

Casanova tentou detê-la. Protestar sua insatisfação pela forma vaga como ela tinha decidido o seu caso. Mas o Cérbero, que até então permanecera inerte, veio em sua direção. Não viu alternativa senão se precipitar caverna afora, saltando encosta abaixo. Caiu no meio dos espinhos, esfolando as mãos e o rosto nas pedras. Proferiu impropérios contra a velha e contra si por ter acreditado que ela pudesse ajudá-lo. Mas, pior que tudo isso era voltar para casa sem a solução do seu problema. Pensou em acabar com a vida ali mesmo, desembainhando a espada. Mas desistiu da ideia porque, de alguma maneira, sentia-se diferente depois daquela entrevista.

Passados alguns dias, Casanova decidiu que não podia continuar aquela vida de reclusão. Sentia falta das festas, do convívio entre as pessoas, da alegria e da animação da noite



veneziana. E, por isso, tomou a decisão de voltar a frequentá-la. Agiria com discrição, aceitaria a sua sina, afinal, se não podia mais ser o número um entre as mulheres, aceitaria um papel secundário. O que não podia era desistir.

Como por aqueles dias aconteceria, na casa de Goldoni, rico comerciante local, um baile de máscaras, decidiu que esse era o melhor momento para aquele recomeço. De máscara, ninguém lhe reconheceria. De modo que passaria ao largo dos comentários. Mesmo que estivesse incapacitado de levar a cabo aquilo para o que se achava destinado – o flerte e a sedução – não pretendia mais continuar a se privar do convívio das boas coisas do mundo. Por isso, no dia esperado, preparou-se com todo esmero. Paramentou-se com sua melhor casaca e até uma peruca nova havia mandado comprar para essa noite. Para despistar os curiosos, combinou com o cocheiro de apanhá-lo em casa de um amigo na hora do baile, tendo saído mais cedo de sua própria casa em vestes comuns, para evitar especulações. Ao sair da casa do amigo, vestido e mascarado, ninguém suporia que se tratasse dele, Casanova.

Durante o baile, resignou-se a uma posição discreta, assistindo a tudo – aos brindes, aos risos, aos galanteios – como apenas mais um convidado.

Ninguém o reconheceu.

Após essa noite, encorajou-se a participar cada vez mais das festas, evitando as casas que antes frequentava,



procurando, sobretudo, os bailes de máscaras em cidades vizinhas, onde a sua fama não era tão grande, nem sua figura tão conhecida, de modo que até os bailes de cara limpa podia frequentar, sem receio.

Mas as mulheres... ainda o atormentavam. Seus males pareciam não ter fim. Era, afinal, um homem, ainda que incapacitado, mas um homem, e o belo sexo ainda o atraía. Evitava-o, é verdade, para não sofrer, mas a atração às vezes era mais forte. Seu olho de águia selecionava os melhores exemplares. Sabia-os identificar no andar, no modo de falar, nos olhos, nas expressões involuntárias do corpo, no cheiro de cada um deles. Mas, seu corpo não reagia e, por isso, antes de ir mais adiante, desistia.

Viveu assim durante algum tempo. Até o dia em que sentiu algo diferente.

Do seu canto de observador, ao brincar de identificar, no meio da multidão, aquela que seria em outra ocasião a sua presa, sentiu uma emoção diferente ao trocar olhares com uma dama. Foi algo tão forte que o fez esquecer que já não era mais aquele. Partiu para o ataque. Foi de tal modo enfeitado por aquela mulher que todas as suas precauções, agora, pareciam-lhe ridículas. Estava alegre e encantado com a presença dela. Bebia, dos seus lábios, as palavras, esquecia-se do mundo ao respirar-lhe o perfume, tinha vertigens ao rodopiar com ela em seus braços e sentir de novo um corpo latejante de encontro ao seu.



Ao agir assim, no entanto, descuidava-se. Agia como uma verdadeira criança com um brinquedo novo, rompia com a regra mais básica do manual do amante, cujo preceito principal era: não se envolver com o objeto da sua conquista, não deixar a razão ser obscurecida pela emoção e tornar-se, ele mesmo, de caçador, a presa.

Agora, contudo, isso já não lhe fazia mais sentido. Afinal que caçador era ele? Sua espingarda não estava estragada? Fazia algum sentido, portanto, seguir a cartilha? Por isso relaxava. Sem o perceber, tomou-se de amores por aquela mulher.

Ela, no entanto, acabava-lhe escapando, noite após noite, pois ele já não tinha mais a habilidade de antes. Foi preciso muitas investidas para conseguir tê-la em seus braços. E, quando a teve, sequer recebeu não consumir o ato.

Passou uma das suas melhores noites.

Certo de que seu mal havia acabado, pensou em retomar a vida que tinha abandonado. As festas, as conquistas, as paixões... mas sentia-se estranho, diferente de antes. Parecia-lhe que aquela vida já não era mais a sua. Não se sentia motivado a retomá-la. O champanha já não lhe parecia tão doce, os risos tão animados, as conversas interessantes, as músicas e as danças estimulantes. Só uma coisa lhe dava alegria: estar na presença da sua amada.

Afinal, sem o saber, pela primeira vez na vida, Casanova experimentava a magia – ou a maldição – do amor.



A Flor e o Besouro

Uma alegoria para o amor

O besouro zumbia em volta da flor, enfeitiçado pela beleza que emanava dela. No entanto, não tinha coragem de se aproximar, tampouco de se afastar. Cansava as asas nesse rodopio insano, mas resistia ao impulso de se precipitar corola adentro. Afinal, tratava-se de uma flor carnívora e disso sabia o besouro, embora a atração que ela exercia sobre ele começava a lhe perturbar o juízo. Às vezes, parecia-lhe preferível entregar-se àquele sacrifício a resistir à tentação.

Mas, no último instante, resistia, procurando um galho mais afastado, para recobrar a razão.

Sentia-se, então, mais senhor de si e parecia-lhe que, se resistisse mais um pouco, a flor acabaria se entregando, sem lhe causar mal algum.

Mas qual seria esse imponderável momento em que poderia se precipitar sobre ela sem se enredar na sua resina pegajosa?

Tudo lhe parecia tão vago...

Só havia uma maneira de saber: partir de novo para aquele voo insano. E isso, com extrema cautela, pois basta-



ria um segundo de distração para que ela se fechasse sobre ele e começasse a devorá-lo.

E assim permaneciam naquela dança de sedução e morte, a flor e o besouro. ganhando às vezes uma, devorando as suas presas, ganhando às vezes o outro, roubando-lhe o néctar, sem se deixar apanhar, graças a uma percepção privilegiada, adquirida ao longo de reiterados exercícios de ataques e recuos, investidas e esquivas que outros menos pacientes, não suportariam por muito tempo.



Os Jornais

Uma ausência de meses foi responsável por aquela pilha de jornais deixada na portaria, ao longo dos dias em que ele permaneceu fora.

– São do senhor, seu Maurício – disse-lhe com resignação o porteiro que já não sabia onde colocar tanto papel.

Teve de fazer mais de uma viagem, elevador acima, carregado dos cadernos de cultura, esporte, saúde, TV, lazer, turismo, economia, carros e motos, uns saindo dos outros, as datas se misturando, o constrangedor de ter atulhado o elevador, no momento em que os vizinhos viam-se impedidos de usá-lo, pelo estranho regresso de Maurício.

De um canto da sala, agora, aquela parafernália parecia ameaçá-lo: “decifra-me ou te devoro”. Aquela massa de caracteres e papéis era a evidência de tudo o que se tinha passado na sua ausência. Pôr-se ao corrente dos fatos desses seis meses de exílio era o mínimo que ele poderia fazer para retomar a sua carreira na Capital. Antes, porém, precisava de algumas horas de sono para se recuperar do esforço conjunto da viagem de regresso do interior e do trabalho inesperado de carregar os jornais até em casa.

À noite teve pesadelos que tornaram seu sono difícil, alguns com alusões à sua experiência frustrada de colono



sem-terra e outras absolutamente sem sentido. Ao menos aparentemente, pois dessa região nebulosa dos sonhos talvez jamais tenhamos respostas definitivas. De qualquer modo, a sensação de opressão no peito e a impressão de estar sendo sufocado por uma criatura sem rosto definido, mas de aspecto ameaçador, havia lhe impedido de ter um sono reparador.

Acordou cansado.

Tinha pela frente um projeto de relativa envergadura – retomar a carreira de jornalista –, mas se sentia pouco motivado. Contudo, a leitura daquela montanha de jornais, parecia-lhe um bom começo.

Nos dias que se seguiram, os amigos ligaram querendo saber notícias: “como é que chega e não avisa?”. Helena também o havia procurado.

No entanto, todos receberam respostas evasivas e comentários sucintos de sua frustrada experiência como colono sem-terra. Seu objetivo inicial era escrever um livro sobre o assunto e, para isso, havia decidido integrar um acampamento do MST, desses como vemos com frequência às margens das rodovias. Não bastava ler sobre o movimento. Queria entendê-lo por dentro.

Deixou para trás a redação do jornal, seu relacionamento com Helena e a sua vida na cidade grande.

Infiltrou-se num acampamento de beira de estrada e, aos poucos, foi ganhando a confiança dos líderes do movimento. Não revelou sua verdadeira identidade. Mas, com o



passar do tempo, foi difícil esconder suas reais intenções. Aquele negócio de fazer constantes anotações de todos os movimentos do grupo e das reuniões levantou suspeitas.

Por fim, teve que contar sua verdadeira história.

Quando eles descobriram que Maurício não era o professor desempregado, decepcionado com a vida na cidade como lhes havia dito, até acharam interessante a sua explicação: ele não queria que eles perdessem a naturalidade diante de um jornalista. Mas, com o passar dos dias, e após muitos debates acalorados entre os líderes e uma comissão do MST vinda de fora, foi difícil continuar no acampamento. Já não era mais tratado com a naturalidade de antes e muitas vezes era excluído das reuniões e decisões mais importantes. Passou a se sentir um incômodo que eles não sabiam bem como lidar: um aliado ou uma ameaça? Por isso resolveu abandonar o acampamento.

Tentou uma infiltração em outro grupo, mas uma visita inesperada de alguns líderes do primeiro determinou novamente o seu desmascaramento. E, desta vez, foi tratado com bem menos cortesia do que da primeira. Simplesmente pediram para que se retirasse do movimento.

Andou vagando pelo interior do Estado algum tempo, irresoluto diante da perspectiva de retomar sua vida na cidade, assumindo o fracasso do seu projeto. Acabou adquirindo um pequeno sítio nas redondezas de Sarandi, para ver, na prática, como era a vida de um colono, agora com terra.



Quem sabe assim, numa futura tentativa, pudesse ser mais convincente no seu disfarce. Mas, com o passar dos dias, acabou se entediando e decidiu voltar para casa. Quem sabe se o material que tinha juntado naqueles poucos meses de acampado não seria suficiente para escrever seu livro?

Só então se deu conta, ao chegar em casa, que tinha esquecido de cancelar a assinatura do jornal, e o porteiro, como bom homem que era, tinha-os guardado para quando “seu” Maurício voltasse .

Trouxe-os para casa ainda sem saber o que fazer com aquela montanha de papel a lhe pesar na consciência. Ela era a evidência da sua desatualização. Se pretendesse voltar ao mercado de trabalho, tinha que se inteirar do que havia passado na sua ausência.

A primeira ideia, portanto, era ler tudo aquilo.

Com o passar dos dias, no entanto, foi descobrindo que essa não seria uma tarefa fácil. Eram muitos dados, fatos, conchavos, crimes, guerras e escândalos a serem assimilados e era preciso entender o encadeamento dos mesmos. Tinha que ler os jornais na ordem certa, e os novos números continuavam a chegar todos os dias.

Aos poucos, o apartamento virou uma bagunça, com jornal espalhado por todos os lados. Uma pilha tinha se formado com jornais por serem lido, mas aqueles que já tinham sido permaneciam por ali, pois sempre havia a possibilidade de ter deixado escapar alguma coisa. A desordem começava



a reinar e os jornais, antes inofensivas criaturas de tinta e papel, pareciam agora adquirir vida ao se enrolarem em suas pernas quando ele passava por eles para ir ao banheiro, até a cozinha ou à janela, tomar um ar.

Era como se os jornais quisessem dominá-lo.

Dias e noites estive às voltas com eles, esquecido dos amigos, das mulheres, de Helena, da vida lá fora. Os jornais antigos mais importantes que os novos, os lidos a lhe espreitarem para uma nova leitura, a absoluta absorção da sua atenção, tentando coordenar todas aquelas informações; os números novos batendo à porta e envelhecendo como os demais, para seu desespero que não conseguia retardar a marcha do tempo.

Ao cabo de um mês, sua barba havia crescido, tinha emagrecido e já não saía de casa sequer para comprar comida.

Soterrado numa montanha de papel, não se sentia melhor do que no começo. A tão acalentada ideia de se pôr ao corrente dos fatos parecia, ao contrário, tê-lo afastado da realidade, ameaçando sua sanidade. E sob o peso dessa contradição, só um ato de loucura poderia salvá-lo.

Num rompante, decidiu dar um basta. Jogou para longe os números que o sufocavam, levantando-se de sob eles. Com gestos bruscos e pontapés, foi juntando a um canto da sala os jornais, que só então pareciam readquirir sua condição de seres inanimados. Contudo, era preciso não hesitar, ou eles poderiam atacar de novo.



Aos poucos juntou uma enorme pilha de papéis amarrados no canto da sala e teria posto fogo neles ali mesmo se não o fosse deter um resto de sanidade.

Pediu ajuda ao porteiro para carregar elevador abaixo aquela tralha. O pobre homem quase não o reconheceu, naquele ato de semidemência, mas obedeceu. A disciplina de homem do povo o impedia de questionar.

Fizeram duas viagens elevador abaixo, carregando os volumes dos jornais, enquanto Maurício, esfuziante, corria como uma criança que tivesse ganhado um brinquedo novo: sua liberdade!

“Os jornais que se fodam”, pensava sentindo-se mais senhor de si. E uma certeza louca soprava-lhe que ele tinha feito a escolha certa, ainda que aquilo contrariasse a sua natureza.

“A minha natureza que se foda”, pensava imediatamente, desviando o pensamento da vertigem que sentia ao dar as costas ao mundo do conhecimento.

“O mundo do conhecimento que se foda”, arrematava de uma vez Maurício, desesperadamente convicto de sua resolução, deixando às vezes escapar exclamações e risadas baixas, para espanto do zelador.

Ao fim, o apartamento estava vazio, mas mais vivo do que nunca. No entanto, Maurício não queria ficar ali nem mais um minuto. Precisava sair, ir ao encontro da vida, da vida que não impõe condição pra ser vivida e da qual Maurício precisava recuperar o sentido.



Fila sem Fim

Começou a atender a fila, cheio de certeza de que a acabaria, próprio de todos os começos, quando tudo anda bem. Mas as horas passaram, passaram os dias e a fila interminável não tinha fim. Chegou mesmo a supor ter visto passar por si as mesmas pessoas: uma fila em círculo, pensou. O inferno dos atendentes.

A princípio não quis acreditar, mas depois de meses e do primeiro ano, convenceu-se que aquela fila não tinha fim. Era inútil a pressa, era inútil se esforçar: a fila não acabaria nunca e ele precisava achar seu ritmo. Como um mar definitivamente contido em seus limites. Era preciso adquirir aquela profundidade de som cavo que vem das profundezas e que só o mar sabe ter quando bate nas rochas. E anos e milhares de anos foram necessários para ele adquirir essa sabedoria, escavando as suas margens, esmigalhando-as em pó, como agora o atendente tinha de fazer consigo: explorar suas profundezas, descobrir em si o mistério das metamorfoses diante da fila sem fim – suas margens imaginárias.

Outrora ele pensou que ela tivesse um termo. Apresou-se em atender a todos. Esfalfou-se e, no outro dia, ela



estava lá, inteira a lhe esperar. Tinha que fazer um novo esforço para a acabar. Mas depois de que aquilo se revelou inútil, como o oceano, ele começou a marulhar baixo, explorar suas próprias profundidades e a ter calma diante do inevitável.



A Bolsa da Minha Mãe

A bolsa da minha mãe sempre exerceu um fascínio sobre mim. Mas, para a criança que fui, o acesso a ela sempre me foi negado. Talvez por causa de uma compreensão insuficiente de minha mãe dos intrincados processos imaginativos que fazem uma criança ter uma fixação tão grande por um objeto do seu exclusivo uso pessoal. O fato, porém, é que essa bolsa monopolizava minha atenção todas as vezes em que se me apresentava a oportunidade de vasculhar o seu interior. Mas, com uma pontualidade beirando à crueldade, minha mãe barrava todas as minhas investidas neste terreno que, em última instância, só lhe dizia respeito. Romper, pois, essa barreira passou a constituir uma obsessão para mim; para ela, porém, isso representava um ato de atrevimento, inconcebível de ser tolerado.

Mas eu não me dava por vencido.

Adentrar esse mistério obsedava-me noite e dia e só se fazia aguçar todas as vezes em que saímos juntos. Dentro de sua bolsa, minha mãe levava tudo o que é possível imaginar para a sobrevivência de uma mulher em meio à selva ou em alto-mar. Não era com pouco espanto que eu via sair dali a sua elegante carteira com detalhes dourados com a qual ela pagava o meu sorvete, o espelho com o qual ela retocava a



sua maquiagem, o telefone celular com o qual ela se comunicava com o mundo ou a surpresa que ela, de propósito, tinha guardado para mim como o último argumento contra alguma manha que eu apresentava todas as vezes que tínhamos que voltar e eu queria, só por mais alguns instantes, ficar em sua companhia. Enfim, de dentro daquela bolsa eu via sair tudo o que meus olhos podiam acompanhar mais aquele outro tanto que a minha imaginação acrescentava.

De dentro da bolsa da minha mãe eu acreditava, então, podiam sair as soluções para o mundo, e, quando me assaltavam sentimentos de medo ou de insegurança, eu me confortava pensando nas infinitas possibilidades que poderia ter aquele que manipulasse, por pouco que fosse, a bolsa de minha mãe. O que bastava para afastar dos meus pensamentos todos esses temores e punha novamente na ordem do dia a esperança de conseguir devassá-la.

No entanto, tudo aquilo que pretendia encontrar no fundo dessa bolsa eu me via de repente impedido de buscar, a partir do momento em que a mãe se convenceu tratar-se de uma impertinência do filho em querer bisbilhotar as suas coisas. E era com um gesto de mão ou simplesmente tomando de mim a bolsa com ares de poucos amigos que minha mãe se interpunha entre eu e o objeto mais intenso dos meus desejos infantis. Por causa disso, não era raro que eu me dependurasse na barra das suas saias, mesmo quando em público, choroso, para dar uma olhadinha que fosse no interior daquela bolsa que me tinham tomado.



Sem saber, aquilo passava a constituir a fonte mais profícua dos meus desejos insatisfeitos.

Mas não eram todas as vezes que ela conseguia obstar as minhas investidas. Seja por distração, seja por não se encontrar por perto, o certo é que tive chances de matar a minha curiosidade, abrindo os fechos daquela bolsa que, eu esperava, me revelariam um mundo de mistérios.

Numa dessas incursões fui atraído para dentro da bolsa de tal maneira que, sem o esperar, caí para dentro dela.

Primeiro, tudo se passou como num sonho. Minha queda foi um lento flutuar para dentro do escuro em que não se discernia nada, nem o em cima nem o embaixo. Tudo em perfeita calma. Nenhum temor tomava conta de mim. Ao contrário: uma incrível tranquilidade enchia-me de convicção de que tudo acabaria bem. Quando toquei o chão o ambiente tornou-se mais claro e eu pude ver onde estava: uma sala com o chão ladrilhado em preto e branco. Eu julgava fosse o primeiro compartimento da bolsa de minha mãe, porque nele havia utensílios de maquiagem e joias. Grandes, da minha altura, pareciam dotados de vida, pois, tão logo fiz menção de aproximar-me deles, abriram uns olhos enormes, o batom e o blush, como que acordando de um sono que eu tivesse perturbado. Afastaram-se ante meu olhar maravilhado e à menção que fiz de lhes tocar. Pareciam contrariados de eu vir perturbar o seu sono.

– O que queres aqui? – disse o batom.



– Quem é este garoto – perguntava-lhe o blush.

Assustei-me, por fim, ante essa literal demonstração de vida e consciência. Se estava maravilhado de vê-los se mexer, vê-los conversar foi fantástico para mim. Mas, criança que era, logo habituei-me à ideia de dialogar com eles.

– Queiram me desculpar. Não quis perturbá-los.

– Ora, perturbar! Saiba que já perturbou. Tiraste-nos do bom do sono – fez o blush baixinho e gordo. Voluntarioso.

– Pssiu!, fez o batom com autoridade, olhando o outro de cima. – Não vêes que ele é um estranho aqui? Não devemos conversar com ele.

– Por que não? A minha mãe os proibiu?

– Mais ou menos – respondeu-me o blush desdenhoso, escondendo-se atrás do batom que parecia disposto mesmo a não ceder em sua resolução.

– Mas isto é tão incrível! Vocês falam, estão vivos!

– Ora decerto que estamos, meu caro – retrucou o batom, empertigado, como um lorde, mau olhando em minha direção, os “braços” cruzados sobre o peito estufado, o “nariz” empinado.

– Eu achava que não. Vocês são afinal... coisas! Ou são gente também?

– Já dissemos que não estamos autorizados pela signora sua mãe a falar com você. Ademais esta sua visita é uma intromissão de todo indesejada.



– Ora, batom, deixa de ser antipático com o menino e mata a sua curiosidade – disse de repente uma voz que se aproximava às minhas costas, proveniente do anel de pérola pelo qual minha mãe tinha adoração. Enorme, amarelo reluzente, era bem mais alto que eu. Estendeu a sua “mão” sobre meu ombro, sorrindo para mim.

– Você não devia se meter nesta conversa. Você sabe que a signora não quer que ele mexa nas suas coisas – respondeu o batom resolutamente, apoiado pelo baixinho blush que balançava a cabeça afirmativamente. Tinha de fato selado a boca. Fazia isso com ostentação, demonstrando-a com os lábios apertados.

– Parece que nunca foste criança, meu caro. Sabe como as crianças são. Ele apenas tem curiosidade. É natural. Há tantas coisas aqui – e, ao dizer isso, o anel de propósito estendeu o “braço” num giro completo. Só então eu pude ver quantos olhos nos observavam. O espelho, a pulseira, o estojo de sombras, a lixa de unhas, os brincos – vários, uma profusão – o frasco de perfume, a caderneta de telefones, o relógio. Todos, pouco a pouco, foram saindo das sombras e se aproximando do centro da sala onde estávamos. Sentia-me cercado de amigos, pois a maioria parecia ter aderido aos argumentos do anel.

– Obrigado, senhor, disse voltando-me para o anel. – De fato, estou aqui apenas por curiosidade, não pela intenção de contrariar minha mãe. E isto... está-me parecendo tão fantástico! Mais incrível do que tudo o que poderia esperar.



– Não foi nada meu rapaz. Há pessoas que são mesmo intransigentes – disse o anel, nesta última frase olhando o batom com ar de triunfo, enquanto este lhe dava as costas, mais empertigado ainda, seguido do seu fiel e rotundo escudeiro.

– Mas, me diga, como é possível que vocês estejam... vivos, que falem? Eu pensei que fossem apenas... coisas!

– Ora, meu jovem – disse afetuosamente o espelho, com voz de mulher, extremamente delicada, pareceu-me. – Nós somos coisas, mas nem por isso deixamos de ter vida. A nossa vida. O que tu vês aqui é o que se passa todos os dias. Entre nós, nos entendemos e entre nós e sua mãe também há certa comunicação. Mas a tua intensa curiosidade te colocou em contato com nossa esfera. Tornaste-te capaz de ingressar em nosso mundo.

E, ao dizer isso, ouvimos um som tumultuoso de cães ladrando, crianças chorando, sirenes de polícia, tiros.

– São as notícias de novo! – disse o relógio aborrecido. – É a hora delas!

– Sabe, é um hábito de sua mãe, não sei por que, colecionar recortes de jornais sobre crimes, estupros, sequestros – disse-me o anel como um pai. – De vez em quando elas se desenrolam do maço em que estão enroladas, no fundo da bolsa, e sobem até aqui para fazer a sua aparição sinistra.

– Deixa todos perturbados – aproximaram-se os brincos, falando ao mesmo tempo, como irmãos xifópagos, que um só pensamento conduzia.



Nesse momento, um séquito de imagens horrendas passou diante dos nossos olhos. Eram imagens dos crimes que minha mãe colecionava em forma de notícias. Crianças ensanguentadas, mulheres com seus ventres abertos, homens de mãos sujas de sangue, alguns espumantes de ódio, outros arrastados pela polícia, cães de olhos negros, farejadores de drogas ou de esconderijos de sequestradores; homens pálidos acabados pelas drogas ou pela bebida, pedintes de mãos estendidas, alguns ameaçadores; brigas, ameaças e morte. Tudo encenado diante dos nossos olhos como a dramatização do que continham, todos os dias, os nossos jornais. A pior face do ser humano! Ante esse séquito – que saía e voltava para as sombras, de um canto da sala onde estava até então incógnito o rolo das notícias envolto por um elástico que se tinha soltado –, a plateia dos adereços de minha mãe ficou extática e muda com a iminência de um lado negro da sua personalidade que eu não conhecia e, à visão do qual, eu também me arrepiava.

– Eles vão continuar voltando até que alguém vá lá e enrole de novo – profetizava o anel.

– Mas quem? – perguntavam-se todos.

Até que emergiu das sombras um pequeno punhal de cabo de marfim, cravejado de pedras brilhantes que, eu imaginava, minha mãe deveria usar para abrir cartas. Por que outro motivo ela o conservaria? Defesa pessoal? Duvido! Minha mãe não tinha nenhuma habilidade com armas nem aquela seria uma arma de proteção, dada a sua delicadeza.



– Eu, como sempre! – disse o punhal resolutamente. – Afinal como vocês dizem, eu sou “do meio” – e caminhou na direção do lado escuro da sala de onde continuava a emergir o séquito dos malditos e o seu coro de vozes horrendas.

Ninguém se surpreendeu ante essa súbita aparição do punhal. Parecia mesmo que todos já esperavam por isso. Só não entendi o que ele teria querido dizer com aquele “fazer parte do meio”. Teria alguma vez o punhal sentido gosto de sangue? Seria mesmo só um abridor de cartas? Seria esta peça parte daquele lado obscuro da personalidade de minha mãe que se tinha revelado naquela unsuspeitada coleção de tragédias?

– O que ele quis dizer com este “ser do meio”? – perguntei a todos que estavam próximos de mim e poderiam me escutar.

– Eu não sei de nada, eu não sei de nada! – disse nervosamente, mais nervosamente que o normal, a caderneta que deixava entrever em seu farfalhar de folhas uma profusão de anotações, riscos e páginas rasgadas. Ante meu olhar desconfiado em sua direção pela sua súbita resposta, o anel e todos os demais a olharam com olhos de repreensão.

– Nada, absolutamente nada, garanto-lhe – disse-me a escova de cabelo conciliadora com sua voz glamourosa e sensual. – É só uma cisma do punhal por ele ser, digamos assim, um elemento um tanto estranho no nosso meio e a gente de vez em quando brincar com ele.



– Brincar com ele dizendo que ele faz parte do mundo do crime? – perguntei eu mais do que nunca interessado pela caderneta, o que continha, e que agora procurava se esconder entre os demais objetos, vexada por ter entregue um segredo de que todos pareciam participar, mas queriam manter escondido.

No mesmo instante, o séquito das imagens e os gritos que lançavam pareciam amainar à medida que o punhal ia prendendo as notícias no rolo.

Avancei em direção à caderneta e pedi que me mostrasse o que tentava me esconder. Houve um rumor de espanto ante minha ousadia. A caderneta não queria me revelar o que continha suas páginas. Mas eu insisti e ela acabou concedendo. Magicamente, as vozes de cada endereço e telefoniam-se revelando a cada página virada, ora se apresentando diretamente a mim, ora reproduzindo um diálogo com minha mãe, cuja voz também se fazia ouvir. Espantou-me, porém, sobretudo ouvir ali a voz de um homem que, sem ser a de meu pai, mantinha com minha mãe uma conversa que eu estava acostumado a escutar quando papai e mãe trocavam carinhos. Senti-me invadir por uma onda de espanto e estranheza. Minha cabeça começou a ter vertigens e minhas têmporas ardiam. Voltei várias vezes àquela página – J – e sempre o mesmo diálogo sussurrado, suspiros, gemidos de prazer. Não dava para entender o que diziam, mas pareciam reproduzir, ao mesmo tempo um telefonema proibido, uma



cena de amor, um momento de carinho. Só de pensar que minha mãe pudesse amar outro homem que não meu pai e eu... invadiu-me uma sensação de mal-estar, um peso na cabeça, uma dor no estômago. Retrocedi dois passos, minhas pernas afrouxaram e meus olhos escureceram. Pude, ainda, ouvir o batom dizer do círculo que se formava em torno de mim, com uma voz que parecia tornar-se cada vez mais distante:

– Eu disse. Nós não devíamos ter-lhe dado convers... A signora ficará furiosa com... – Devo ter desmaiado e alguém tinha me amparado. Pareceu-me ser o punhal, que voltava da sua missão.

Acordei depois, em outra sala – decerto outro compartimento da bolsa – em que nenhum dos adereços anteriores estava. Deviam ter-me trazido até aqui enquanto estive inconsciente. Fui acordado por um suave cântico de anjos que me fez supor um instante que tivesse passado desta para melhor. No entanto, depois de desperto e à persistência do cântico, tomei consciência de que ainda vivia e que o cântico devia provir de algum canto escuro daquela imensa sala. Só não sabia de onde. Foi então quando figuras de anjos assomaram uma a uma das alturas de uma imensa abóboda cuja profundidade eu não podia avaliar porque se perdia na escuridão. Resplandeciam em suas vestes translúcidas. Aproximavam-se e afastavam-se em um círculo moto-perpétuo. Não entendia o que estava acontecendo, até compreender que se tratava dos anjos guardiões e cabalísticos de minha mãe, cujas figuras ela costumava trazer dentro da bolsa. Ao



mesmo tempo, o suave perfume adocicado de incensos acesos nos quatro cantos enchia a sala.

Deixei-me invadir pelo clima de mistério do ambiente que tanto diferenciava da experiência pela qual recentemente tinha passado. Precisava mesmo relaxar, e, se fora pensando nisso que os adereços de minha mãe tinham-me trazido até ali, tinham conseguido. Só o que me intrigava era ter descoberto esta faceta mística de minha mãe que ela não deixava transparecer no seu dia-a-dia. Que ela trouxesse figuras de anjos em sua bolsa, isso não era novidade para mim que já tinha descoberto esse costume, mas, queimar incenso era uma prática que jamais ela tinha se permitido em nossa presença, nem nós tínhamos sabido que algum dia esse tivesse sido o seu hábito. Ela, uma mulher tão prática. Intrigava-me também que os incensos que ardiam fossem de sândalo, dedicado a Anael, o anjo do amor. Teria minha mãe o hábito de queimar essa essência quando na presença daquela voz estranha do homem desconhecido que a caderneta tinha-me revelado? Seria aquele o endereço do seu ninho de amor e esta uma prática que minha mãe executava apenas quando longe de nós? Que outra vida minha mãe permitia-se levar sem o nosso conhecimento?

Cansado também daquele clima de encantamento a que aquele cântico induzia-me e o incenso corroborava, corri dali, procurei uma saída nas paredes aparentemente herméticas sob a escuridão, mas foi só com grande esforço que consegui descobrir uma passagem, à primeira vista, secreta,



pois ficava no chão, sob o piso ladrilhado. Havia um quadrado do ladrilho branco e preto em que a sala parecia prolongar-se ao infinito, que se soltava quando tateando no escuro procurava de joelhos uma saída pela parede. Levantei esse quadrado e desci por uma escada até uma câmara, pequena, sufocada, que parecia muito tempo não recebia uma lufada de ar novo. Um compartimento secreto da bolsa de minha mãe? Diferente das outras, ela era toda negra, com pequenas manchas de vermelho nas paredes como se fosse uma pintura de vanguarda, com tinta rubra jogada ao acaso e de onde provinha, parece-me, a luz rubra que a iluminava. Era assustador e pouco agradável estar ali, mas a minha curiosidade falava mais alto. Algumas dessas manchas pareciam mesmo frescas, porque aquilo que parecia tinta escorria lentamente de alguns pingos mais grossos. Reinava ali um calor sufocante, e eu sentia ímpetos de voltar por onde tinha vindo. Mas não queria ir embora sem antes me certificar do que significava aquela sala, o que continha e o que eram aquelas manchas. Sangue?! Tinta? Seria aquilo uma pintura? – um lado artístico de minha mãe ao lado de mais outros tantos desconhecidos. Desci, toquei o chão e, suando muito, cheguei até a parede mais próxima. Estendi a mão, um tanto horrorizado pela intensidade daquele vermelho, daquelas manchas gotejantes, o calor latejando em minha cabeça, uma intensa e temerosa curiosidade a saciar. Eram quentes aquelas gotas, quentes e fluídas demais para serem tintas. Precisava cheirá-las para me certificar, prová-las também, se isso fosse preciso para afastar a ideia de que fossem o que



eu temia. Mas, quando levei os dedos ao nariz, o cheiro do sangue imediatamente fluiu em meus nervos até o cérebro e disparou uma onda de pânico que num relâmpago pôs-me em guarda contra aquela sala decorada de maneira tão macabra. Corri até a escada para sair dali, mas, nesse instante, pareceu-me que tropecei em alguma coisa que, com o choque, foi arremessado até um canto mais escuro da sala. Não podia ver o que era de onde eu estava. Tinha que ir até lá para matar a curiosidade maior que o temor. Fiquei um instante indeciso entre a escada e o objeto arremessado no canto da sala. Seria alguma coisa que eu tivesse deixado cair quando corri? Seria algum objeto da própria sala, daquela sala diabólica? Precisava ver. Tateei no escuro, de cócoras e temeroso. Mais de uma vez amaldiçoei minha curiosidade, mas finalmente pude trazer para luz o objeto desconhecido. Pelo tato já sabia o que era, mas só pude acreditar quando pus os olhos – arregalados – nele.

Um revólver, e, nele, salpicos de sangue, do mesmo sangue que eu via infestar as paredes! Minhas mãos tremiam e a arma ameaçava cair quando me senti sugado por uma força estranha como uma mão poderosa que me tivesse pegado pelos cabelos e me arremessasse para cima, para fora da bolsa da minha mãe.

Estava de volta ao quarto de mamãe, onde esta tinha, distraída, deixado a bolsa sobre a cama. Alegrei-me por estar de volta. Mas, em minhas mãos, ainda tinha a arma, encontrada naquele compartimento secreto da bolsa da minha mãe.



Tentei ver se havia algum cartucho disparado, mas fiquei com medo de ser surpreendido.

Enfiei tudo de volta e pude ver mesmo que o tinha tirado de um fundo falso sob o compartimento onde as imagens de anjos e cotos de incensos semiqueimados estavam. Não pensei duas vezes. Guardei-o ali como quem quer esquecer um segredo. Estava mesmo arrependido de ter levado tão longe a minha obsessão por aquela bolsa.

Poderia conviver com isso dali para frente? Não sabia.

Mas, desde então, a bolsa de minha mãe passou a representar para mim a dimensão de tudo o que o mundo e as pessoas têm de desconhecido, mesmo as próximas, as quais, por mais que convivamos, jamais poderemos dizer que as conhecemos por completo.

Como minha mãe, que, nos estritos limites da sua bolsa, descobri que não conhecia.



A Navalha

Esticou a pele por baixo do queixo e cortou sem pensar duas vezes. Se fosse pensar não levaria aquilo adiante. Era uma pessoa muito sensível e naquele momento tinha aversão à lâmina.

No entanto, precisava ser feito.

Depois de acabado, ainda pôde examinar as manchas de sangue.

Finalmente poderia descansar, afinal, amanhã era segunda-feira e não poderia comparecer ao trabalho com a barba por fazer.



A sensação desconfortável de que, a qualquer momento, um acontecimento inesperado possa determinar o ponto no qual a nossa existência venha dar – como os restos de um naufrágio inevitavelmente acabam dando em alguma praia. Essa sensação nos acompanha durante parte da vida. Até alcançarmos aquela idade – mais cedo para uns, mais tarde para outros – em que sentimos que tomamos as rédeas do destino e que atingiremos a idade madura. Até lá, no entanto, muitas coisas podem acontecer...

A Carta

Recebeu a carta como fazia com todas as demais: das mãos do zelador, que todas as manhãs fazia a distribuição da correspondência. Sequer lhe chamou a atenção aquele envelope misturado com as contas de luz, condomínio, extratos bancários, anúncios comerciais. Só por último foi lhe dar atenção, quando se ele pudesse adivinhar o seu conteúdo, teria-lhe dado prioridade. Antes de abri-lo, porém, intrigou-lhe o aspecto delicado da correspondência, ainda mais quando constatou que não havia identificação do remetente.

“Deve ser de Laura”, pensou, enquanto o abria. “Mas o que ela escreveria para mim com este ar de mistério, sem identificar-se?” Não havia nenhuma data comemorativa que



lhe dissesse respeito nos próximos meses. “Só dia dos pais”, pensou, por fim, arrepiado, diante daquele pensamento que se lhe insinuou. “Não... seria uma brincadeira de muito mau gosto de Laura dar-me um notícia assim”. “Serei pai?!”, perguntou-se, por fim, despedaçando o envelope que antes tivera tanto cuidado em abrir.

Para sua surpresa não se tratava de nada disso. Tampouco seria aquela uma carta comum, escrita – vamos dizer assim – por mão humana. Teve outro arrepio ao constatar isso. O papel transparente simplesmente brilhava e as letras pareciam flutuar no ar, sem apoio material. A sensação que se tinha era de que a carta se desmancharia depois de ser lida. Por isso tinha de ser rápido.

Eram poucas linhas, mas o suficiente para deixar qualquer um estupefato.

Diziam elas:

“Sr. F, é com profundo pesar que constatamos em nossos arquivos uma falha de procedimento que determinou que o senhor viesse a ter a esta existência antes do programado. Em vista disso, torna-se imperioso que o senhor compreenda e predisponha-se a deixar esta vida, antes que consequências mais drásticas resultem deste lapso para todo o Universo. Caso isso não lhe pareça possível, o que é absolutamente compreensível, temos de lhe comunicar que dispomos de meios para que isto aconteça sem traumas para o senhor. Só lhe está sendo dada esta opção – um verdadeiro privilégio



na Ordem do Universo – por ter se tratado de um engano de procedimento de nossa parte e nos acharmos de algum modo obrigados para com o senhor, com um pedido formal de desculpas.

Dos Céus.”

Tão logo terminou de ler a carta, conforme o previsto, ela se desfez no ar e as letras, sem suporte, se esparramaram no chão, formando um amontoado de caracteres aos seus pés.

Como as letras embaralhadas no chão, agora, embaralhavam-se em sua mente os pensamentos.

Entre descrente e atordoado, não sabia o que pensar. Contudo, o encanto do papel desfeito no ar não deixava dúvida: não se tratava de uma brincadeira!

Juntou as letras e as colocou sobre a mesa para tentar reconstituir com elas o quebra-cabeça. Mas foi inútil. Com elas, podiam-se escrever, agora, poemas de amor ou cartas suicidas. Aquela mensagem, porém, jamais. O significado tinha-se perdido, e o seu autor – Os Céus – era inacessível.

Mas o que era mesmo que aquela mensagem dizia? Que sua vida era nada mais nada menos que o produto de um engano? Algo que não devia ter acontecido e aconteceu, e que ele tinha que se predispor a deixá-la? Alguém pretendia induzi-lo ao suicídio?

Lembrou-se das aulas de Direito Penal: “instigação ou induzimento ao suicídio”. Aquilo seria um caso para a Polí-



cia. O que dizer, porém, de quem se suspeitava: Dos Céus? Levariam-no na brincadeira? Ou simplesmente o reputariam louco?

Desistiu daquele trabalho inútil, de montar aquele quebra-cabeça com as letras espalhadas sobre a mesa. Jamais conseguiria juntar as frases. Afastou-as da sua frente e voltou para a cozinha, onde preparava seu almoço, como fazia todos os dias antes de ir trabalhar. Naquele dia, preparava um prato simples, massa com molho de atum e salada. Como trabalhava só à tarde num escritório de importação e exportação, como tradutor de contratos, preferia almoçar em casa do que fora. Era mais barato e menos impessoal. De vez em quando, Laura lhe fazia companhia. Por sorte – ou azar – não naquele dia.

Procurou entreter-se com o que estava fazendo, mas cozinhou demais a massa e o molho quase queimou. Só se acalmou quando se convenceu de que tinha sido vítima de uma alucinação. Nada daquilo teria acontecido de verdade.

Voltou rapidamente para a sala para confirmar a sua tese e para seu alívio constatou: nem sinal de letras fatídicas a ameaçar-lhe o destino.

Riu aliviado da sua apreensão de alguns minutos atrás, ainda que sem compreender o que realmente tinha acontecido. Mas agora, sem a prova do “crime”, por assim dizer, quem sabe aquilo não tivesse sido mesmo produto de uma



alucinação. Precisava consultar um especialista para ver se isso seria possível.

Mas, ao voltar para a cozinha, sobre o aparelho de som, o envelope rasgado, descansava tranquilamente onde antes o havia deixado, totalmente alheio ao choque que a sua visão iria provocar.

II

Nos dias que se passaram não comentou com ninguém o que havia acontecido. Nem com os colegas de trabalho, nem com Laura. Disfarçou o seu alheamento, para ela, dizendo que estava preocupado com o trabalho; para os colegas, que o namoro não ia bem.

Pensou em marcar uma consulta com um psiquiatra, mas não conseguia decidir-se por um. Achava estranho ter de escolher um médico pelas páginas do guia telefônico, sem a sugestão de um conhecido. Mas, como não tinha comentado com ninguém o que lhe acontecera, não tinha como pedir uma indicação, ainda mais a indicação de um psiquiatra. Temia que pensassem o óbvio: estaria pirando?

Suas dúvidas acabaram quando cruzou no elevador com Dr. Alfonso que atendia no mesmo prédio onde ficava o escritório da firma. Sequer se importou que o sujeito tivesse fama de maluco entre o pessoal do edifício, afinal, ele não tirava aquela capa de chuva, fizesse chuva, ou fizesse sol, estava sempre com a barba por fazer, os ralos cabelos



despenteados e um botão ou outro da camisa desabotoado. Ao menos era alguém que ele conhecia, e isso lhe dava um pouco mais de conforto.

No dia seguinte, antes de subir para o andar em que ficava seu trabalho, deu um paradinha no 4º andar e marcou um consulta.

No dia marcado, chegou ao consultório um pouco apreensivo, com certo desconforto nas palmas das mãos suadas. Sentia-se angustiado por ter de reviver aquele episódio. Levava consigo o envelope rasgado, único elo material que dava sustentação ao acontecido.

– Doutor, talvez o senhor ache estranho, mas o motivo que me traz aqui é uma dúvida sobre um acontecimento que se deu comigo e que até certo ponto me parece ser o resultado de alguma perturbação mental – começou, apreensivo, enquanto o médico, imperturbável, o convidava com olhar a que continuasse a história.

– Em primeiro lugar, Doutor, eu gostaria de saber se é possível, cientificamente falando, alguém sofrer de algum fenômeno de alucinação súbita... como presenciar o desaparecimento de um documento bem na frente dos próprios olhos e ainda ver as letras deste mesmo documento se precipitarem ao chão, e depois estas mesmas letras, juntadas do chão, desaparecem também?

– Em que base o senhor afirma isso? – perguntou-lhe afinal o médico.



– Com base nisso – disse F, triunfante, tirando do bolso o envelope cuidadosamente dobrado.

– Como assim? – retorquiu-lhe o médico que não via nada demais no envelope que agora examinava, revirando entre os dedos.

– “Assim” que eu recebi, há uma semana, uma carta que estava dentro deste envelope e que esta carta, além de conter uma mensagem de todo incompreensível para mim, depois se desfez no ar, como num passe de mágica e as letras, sem suporte do papel, se precipitaram no chão. Uma coisa absurda... – riu nervoso – Por isso estou aqui – disse por fim, confuso.

– E este envelope, então, é a única prova material desta sua história? – perguntou o médico começando a se interessar pelo caso.

– Sim – fez o paciente com um aceno de cabeça.

– Qual o teor desta mensagem, o senhor pode me dizer?

– Algo a ver com um engano ... ah, eu ia me esquecendo, a carta estava subscrita por “Dos Céus”.

– Como?

– “Dos Céus”, isso mesmo. Não lhe parece uma loucura? – Outro riso nervoso.



Impassibilidade do outro lado.

– E, quanto ao conteúdo...

– Ah sim, uma história de um engano, que minha vida teria sido até então produto de um engano dos Céus.

– Bom... quer dizer, me desculpe – corrigiu-se imediatamente o médico que parecia já ter feito seu diagnóstico daquele estranho personagem. – O senhor está me contando uma história deveras interessante, com muitos detalhes pitorescos. É difícil dizer que este tenha sido o resultado de um surto, mas não é impossível. Sem dúvida a plasticidade da cena realmente tem seu quê de... bela – começava a divagar o médico, com os olhos perdidos no ar.

– Como? – Perguntou F, achando estranha a reação do médico.

– Quero dizer, a cena toda... Há algo nela de muita inventividade. Sem dúvida uma alucinação de muito bom gosto. – Divagava de novo o médico para desespero do outro. Viera buscar uma resposta as suas angústias e o que via: alguém que examinava a plasticidade da cena! A engenhosidade da alucinação!

– Desculpe-me, doutor, mas o que eu queria ouvir era uma resposta objetiva. O senhor acha poss...

– Sim, sim, sim – fez imediatamente o médico, como que despertando de um sonho. – Quero dizer, eu gostaria



que o senhor se submetesse a alguns exames antes que eu possa emitir algum parecer. Diga-me uma coisa – tentava recuperar o seu ar profissional – o senhor está tomando algum medicamento antidepressivo ou para dormir? O senhor tem algum histórico na família de doença mental?

– Não.

– Usa droga?

– Também não.

– Bem, então, o senhor me providencie estes exames – rabiscava o médico nervosamente o receituário em branco – e me traga em seguida para nós examinarmos o seu caso.

Estendia-lhe, por fim, o homem, a requisição por cima da mesa, com um sorriso estúpido no rosto e um ar alucinado nos olhos, como quem se sente finalmente satisfeito de ter acabado a consulta, não dando chance ao paciente para uma última pergunta.

Não tendo outro remédio, F se retirou dali, profundamente brabo consigo mesmo por ter procurado ajuda de um maluco maior que ele.

Na rua, tirou do bolso o envelope da sua maldita carta e o receituário médico. Fez com eles um só bolo de papel e os arremessou como um jogador de basquete no primeiro cesto de lixo que encontrou. Tinha decidido esquecer aquilo de uma vez por todas.



III

O que mais o perturbava nisso tudo é que aquela carta vinha ao encontro de uma sensação básica sentida por F desde algum tempo, desde que passara a morar sozinho, e tomara sobre si a responsabilidade da sua vida. Tudo aquilo tinha a ver com aquela inquietação de não ter ainda achado o seu lugar no mundo. Um certo desassossego, a sensação de estranheza diante das coisas, a impressão de não fazer parte deste mundo e de que a qualquer momento alguém pudesse justamente vir lhe dizer, como de fato agora acontecia, que ele tinha sido um engano, algo que eliminar ou refazer. E agora isto se estava materializando naquela carta que ele tinha recebido e que, no fundo, só vinha confirmar aquele sentimento incômodo que ele sempre teve. Mas era difícil admitir.

Uma predisposição para deixar a vida? O que aquilo queria dizer? Que ele deliberadamente devia corroborar com a sua extinção? Que sentido fazia aquilo? E tudo o que ele tinha vivido até agora? Todas as emoções, sensações, impressões, atos e consequências? E se ele tivesse um filho? Mais do que nunca, desejou naquele instante que Laura confirmasse para ele aquilo que antes era motivo de pânico: o anúncio da sua gravidez. Precisava vê-la.

Chegou de mansinho à casa que parecia não ter vida em seu interior para o passante que não se aproximasse e co-



lasse o ouvido à porta através da qual a conversa, os risos e o som da eterna TV ligada tornaram-se familiares, desde que ele tinha começado o namoro com Laura, anos atrás. Esse clima de familiaridade e aconchego era tudo o que precisava para afastar seus pensamentos mórbidos.

– Você aqui? – perguntou-lhe Laura, surpresa daquela visita fora de hora.

– Ué, estou atrapalhando alguma coisa? Você está com outro aí? – respondeu-lhe F brincalhão, afastando os maus pensamentos.

– Ora, bobo, você sabe que você é sempre uma surpresa agradável. Só estranhei você ter vindo sem avisar. Por que não me ligou? Eu teria me arrumado para você.

– Bem, estou aqui. Você não vai me deixar entrar? – Beijaram-se finalmente.

Dentro, o habitual jogo de cartas entre os vizinhos e os pais de Laura. Cumprimentaram F sem surpresas, compenetrados no jogo. Laura fez as honras da casa: sentaram-se no habitual sofá da sala, onde a TV infernal e a irmãzinha de Laura enchiam o ambiente. F estava pouco à vontade. Queria sair com Laura para um lugar mais tranquilo e privado.

– Vamos sair? – Pediu F quase suplicante.

– Vamos – respondeu Laura sentindo que o namorado precisava dela por algum motivo que ele não queria revelar ali. – Espere até eu me arrumar. Kate, faça companhia a F...



E não seja mal educada. Mãe, eu vou sair – ainda pôde ouvir F, enquanto Laura se dirigia ao quarto.

– A essa hora? – Pareceu-lhe ter respondido a mãe, acordando do jogo em que até então esteve compenetrada. Mas não ouviu a resposta da filha, pois esta se abaixou sobre a velha com o seu habitual ar matreiro e a convenceu imediatamente com alguma razão de ordem feminina que a velha imediatamente compreendeu, voltando a mergulhar o nariz nas cartas.

Kate, a irmã menor, observava de vez em quando o namorado de Laura com o ar maroto das crianças que descobriram alguma fraqueza no adulto que gostam de importunar. F, francamente, não gostava da garota. Ela lhe parecia marota, atrevida e imprevisível. Por isso, dava-lhe pouca conversa, mas a menina não se intimidava com a sisudez dele. Parecia-lhe fazer troça até mesmo quando adotava o ar mais sério e compenetrado das boas criancinhas. Não era raro que a repreendessem por está-lo importunando arditosamente.

– Você vai sair com minha irmã?

– Hum, hum – limitou-se F a lhe responder.

– Vocês vão transar?

– Ora, e você sabe o que é isso? – retorquir-lhe F, mais uma vez surpreso da ousadia daquele pequeno boneco desengonçado, cheio de ossos, dentes e cabelos, excessivamente grandes para idade dela, animado de uma energia ati-



va e incontrolável que a fazia se agitar até mesmo quando deveria estar parada.

– É claro que eu sei. A Laura já me falou sobre isso.

– Ahn... isso é bom. Quero dizer, a educação sexual.

– Você vai pegar o seu pinto e botar na vagina dela, né?

– Que conversa é essa menina? – gritou a velha da mesa de jogo que de certo havia ouvido o rabicho daquele diálogo disparatado. – Vai já fazer os teus temas. Deixa o rapaz em paz.

– Oh, não se preocupe, dona, ela estava só mostrando os seus conhecimentos para mim – disse F, conciliador, procurando mostrar naturalidade. – Não é, seu diabinho? – Disse, por fim, baixinho para a garota que permanecia aboletada sobre o sofá, zombando com os olhos do embaraço dele.

Por fim, Laura chegou descarregando o ambiente. Notando qualquer coisa de estranho, perguntou para a pirralha se ela tinha aprontado. F procurou contemporizar para sair imediatamente. Mas a pequena já estava pronta para soltar um monte de improperios contra Laura e escandalizar a todos não fosse F ter puxado a namorada para desarmar o clima que se estava formando.

– Não volte tarde! – foi a habitual despedida da velha depois que os dois já tinham se encaminhado para a porta.

– O que foi que houve? – perguntou-lhe Laura, a propósito da irmã que parecia ter quase criado um reboiço na saída deles.



– Você fica ensinando coisa que não deve para aquela morceguinha. Depois ela vem tirar sarro da cara da gente na frente de todo mundo.

– O que ela lhe disse?

– Ela perguntou se nós íamos transar, tá sabendo? – disse F irritado com aquele barraco armado sem utilidade, francamente revoltado com sua falta de jeito com aquele pequeno estrupício.

– Deixa que eu pego ela – disse Laura, encerrando o assunto.

Caminharam durante algum tempo em silêncio, até que Laura tomou a iniciativa:

– Você está preocupado com a... menstruação?

– Sim – fez F, aliviado por ela ter puxado o assunto.

– Veio! – disse ela num remate seco e inesperado para F.

– Quer dizer... que tudo não passou... de um alarme falso?! – perguntou F um pouco atordoado por aquela resposta tão abrupta e incisiva.

– Até parece que você não gostou da resposta?

– Sim! Não! Quer dizer, gostei! – respondeu F atrapalhado. – Mas é que eu pensei...

– O que você pensou? Você primeiro me deixa toda apreensiva, depois parece que se decepiona quando lhe dou



uma boa notícia. Afinal, esta é ou não é uma boa notícia para você?

F, distante e pensativo:

– É... claro... – respondeu para não transparecer o que de fato o preocupava. Também ela não poderia ajudá-lo: a sua suposta gravidez não tinha passado de um atraso na menstruação. Mais uma vez ele se encontrava só diante do mundo, só diante da vida e provavelmente só diante do fim! Não teria um filho, não deixaria marca nenhum neste Universo, da sua passagem por ele! Dentro de pouco tempo, as pessoas já o teriam esquecido e ele não passaria disso mesmo: um acidente no curso das coisas!

– Você está tão estranho. Achei que gostaria de conversar. Por isso saímos, não? – interveio Laura no curso dos seus pensamentos. Começava a zangar-se com o mutismo de F.

– Desculpe, meu amor, é que eu não ando muito bem...

– Você está com algum problema no serviço? Achei que a gravidez fosse a sua maior preocupação. Até é compreensível você ter ficado assim, mas, agora que tudo não passou de um susto, achei que poderíamos comemorar.

– É, isso realmente vinha me preocupando nos últimos dias, mas depois ...

– Depois o que F...?



Sempre a curiosidade das mulheres, a maldita curiosidade das mulheres. Será que ele teria que admitir que queria que ela estivesse grávida?! Não era isso que todas sempre querem: decretar a rendição masculina no campo de batalha?! O triunfo do feminismo! A gravidez inesperada pondo fim num romance que se arrasta em banho-maria há anos. Elas querendo uma definição e o homem sempre hesitante diante da decisão final: sim, querida, vamos nos casar!

– Depois? Que depois? Eu disse depois? – F. se fazia de bobo.

– Ora F... não me faça perder a paciência. Você disse depois... o que você ia dizer depois do depois?

– Depois do depois, ora vejam só que absurdo.

O velho instinto masculino se rebelando ao jugo até de uma evidência tão forte. Sim, F desejava ter aquele filho! O que havia de mal nisso?! Sua vida estava por um fio.

– Francamente F... você me aborrece. Eu vou embora – disse Laura num rompante que ele muito bem conhecia. Ele não devia ter abusado da inteligência dela. Arrependeu-se.

– Laura, por favor, espera aí.

– O que é? – Os dois em plena rua movimentada.

– Eu queria dizer... dizer que... poxa, é mais difícil que eu imaginava.

– O que é? Diz logo se não eu vou embora.



– Será que dá para você vir até aqui para a gente falar que nem gente grande?

Ela amolecia.

– Eu preciso lhe dizer... eu tenho a sensação que não viverei muitos anos.

– O que é que você está falando F...?

– Vamos entrar aqui.

Entraram num bar que F não conhecia, mas que também não parecia de todo ruim.

– É só uma sensação, mas é algo muito forte em mim.

F. definitivamente tinha tomado o tom solene que não queria ter tomado.

– Garçon, um whisky duplo, por favor! Sem gelo!

– Notei mesmo que você anda muito estranho. Você por acaso é portador de alguma doença incurável? Ficou sabendo por estes dias e não quer me contar? É transmissível?

– Laura, por favor! Calma! Não é nada disso. É só uma sensação, sabe? Nada demais!

F não queria, sob hipótese alguma, contar tudo como tinha se passado. Preferia manter aquilo em sua intimidade. Que ele fosse morrer, a isso ele já começava a se adaptar, mas passar por maluco, manchar a imagem que ele tinha construído de si mesmo, a isso ele não queria se submeter.



Era um capricho seu, mas digamos que fosse um ato de última vontade.

– Por isso você... gostaria... que a minha gravidez tivesse se confirmado?

Laura por fim começava a entender.

Vá entender, pensava ela, a cabeça de um homem! Precisava fazer rodeio tão grande? Decretar a própria extinção a admitir que gostaria de ser pai?!

– Exatamente – assentiu F., num olhar que atravessou a alma da sua interlocutora.

O que uma mulher não faria por um homem assim?

Laura, a partir de então, foi presa de uma convicção, que ela enfrentaria o mundo para vê-la confirmada: aquele homem seria seu! Maluco, ou o que fosse, ela sentia que os seus destinos estavam inextricavelmente ligados. A menos que a morte os separasse.

Fizeram amor na volta para casa. Num beco escuro entre dois prédios, quando o movimento das ruas se concentrava nas avenidas principais e eles tiveram a suficiente ousadia de extravasar a excitação que sentiam desde aquela revelação no bar, sobretudo Laura que se sentia possuída por seu companheiro no plano espiritual e queria se sentir também no plano carnal. Principalmente neste, aliás.



Foi o melhor amor que eles já fizeram. Tudo corroborava para que assim fosse: o perigo de ser surpreendido, a transgressão de toda norma de comportamento em plena rua, o desfazimento de resistências que nem eles até então sabiam que tinham, o álcool afrouxando todos os freios do sexo e da permissividade. Laura, então, queria que aquela noite marcasse o começo de uma nova era para eles, com a concepção do filho agora desejado.

Mas isso não aconteceu! Laura não conseguia engravidar. Parece que havia uma conspiração nos Céus para que isso não se consumasse.

F tomava isso como mais uma evidência a corroborar suas tristes expectativas.

No trabalho, tornava-se ausente. Passou a frequentar lugares perigosos que antes nunca tivera coragem de frequentar. Estava se tornando, aos poucos, alheio à sua própria segurança. Estranhava isso em si, antes tão preocupado, como todo mundo. Agora, depois daquela carta, estava se tornando excessivamente relaxado consigo mesmo, e isso, parecia, só vinha corroborar o que a carta tinha vindo lhe dizer.

Seria, aquilo, efeito de alguma intervenção dos Céus, tirando-lhe o próprio senso de auto-preservação?

Não, não podia ser. Aquilo seria simplesmente o resultado da obsessão em que havia sido lançado por aquela



carta, e que, ele temia ser a mais pura expressão da verdade: sua vida estaria por um fio.

Mas esse seu comportamento não o estava levando justamente nessa direção?

Quão insidiosas pareciam-lhe essas questões!

Até o dia em que ele não precisou mais formulá-las.

Voltando tarde da noite, de um bar que acabava de fechar, foi colhido por um carro na contramão, dirigido por alguém que também estava voltando de uma noitada, perdeu a direção e invadiu a calçada do outro lado da avenida, por onde naquele momento, F passava.

Se isto estava escrito nas estrelas ninguém sabe. Aliás, como sempre costuma acontecer nestas ocasiões, o mais comum é as pessoas acharem uma tragédia, uma barbaridade, um rapaz tão novo morrer assim. Mas, até que ponto esta seja a versão real dos fatos, é outra história.



Abraão

ou

A Importância da Cultura

Após o ocaso nuclear nada restou sobre a Terra. A destruição havia acabado com tudo o que pudesse lembrar os dias atuais. Para aqueles que restaram, os primeiros anos foram dedicados ao esforço da sobrevivência. E com seus filhos – e os filhos dos seus filhos – não foi diferente. De modo que a vida tornou-se tão rudimentar como deve ter sido na origem do homem.

Assim decorreu durante muito tempo, até que os destroços de um abrigo subterrâneo foram descobertos e nele se encontraram os restos de uma casa pré-nuclear. Tratava-se da residência de uma pessoa que para o seu bunker tinha levado um pouco de tudo o que a civilização da sua época lhe oferecia. Para as criaturas da nova era, no entanto, aquilo parecia fantástico, de outro mundo. Os livros, os quadros, os discos, os aparelhos, nada daquilo era conhecido na atual sociedade – se é que podemos falar assim de um aglomerado de bárbaros sob o comando de um membro mais forte.

Com o que ali encontraram, então, eles começaram a reconstruir a civilização que se havia perdido.



Entre os livros encontrados, um destacava-se, pois contava a história de um homem escolhido por Deus para ser o pai de muitas nações. O que eles entenderam tratar-se de uma profecia sobre o que estava acontecendo.

Assim, ao esqueleto daquele homem deram o nome de Abraão e a sua memória foi venerada por séculos como aquele que foi escolhido por Deus para ser fundador desta nova Humanidade.

Mal podiam imaginar elas que aquele esqueleto, longe de ter sido qualquer coisa parecida com o patriarca dos hebreus, foi apenas um homem comum, sem outros atributos que não o de uma pessoa em sintonia com a cultura do seu tempo. Hábito graças ao qual, aliás, toda uma nova civilização pode ser reconstruída.



O Interfone

Cheguei cansado do serviço. Eram sete horas e eu ainda precisava ir ao mercado.

Como de hábito comprei cervejas, salsichas e frutas.

“Preciso comer melhor. Essas malditas salsichas devem estar me engordando” – pensava enquanto enchia a cestinha.

“Pelo menos compenso com as frutas no café da manhã” – argumentei em favor do comodismo.

Estava tão cansado que nem me toquei que moro sozinho há alguns meses. O camarada com quem dividia o apartamento voltou para a casa dos pais, no interior, e eu acabei ficando só num apartamento de dois quartos. Não encontrei ainda com quem dividir o aluguel. Por outro lado, passei a ganhar um pouco melhor depois da promoção e isso tem me permitido viver sozinho em um apartamento de dois quartos. Acabei me acostumando à privacidade da vida de um solitário.

No entanto, não sei se por força do hábito ou por causa da preguiça em procurar nos bolsos a chave de casa, esqueci-me desse detalhe e apertei o número do apartamento em que moro, no painel do interfone. Só depois do segundo



toque é que me dei conta de onde é que eu andava com a cabeça. Dei de ombros e comecei a me apalpar para encontrar as chaves quando, para minha surpresa, alguém atendeu sem dizer nada e acionou o interruptor, abrindo a porta.

Não dei importância para aquilo, pois achei que tivesse errado o número de casa ao apertar o 704. Mas fiquei com aquilo na cabeça, afinal não tinham dito nada e que história era essa de as pessoas irem abrindo a porta do prédio para qualquer um que tocava o interfone? Onde é que estava a segurança daquele edifício que sempre que havia reunião do condomínio era o tema constante das preocupações gerais?

Não conformado com isso, larguei as sacolas diante do elevador e voltei até o painel. Para me certificar que tinha apertado mesmo o número de casa fui até lá e apertei o 704 de novo. Esperei dois segundos e só então me dei conta do papel ridículo que estava fazendo: apertar o número do próprio apartamento em que morava sozinho! Se alguém me visse naquela situação iria achar que eu havia pirado. Era melhor esquecer. Na primeira oportunidade reclamaria com o síndico a falta de cuidado dos moradores daquele edifício, afinal estava provado que tinha me enganado, apertara o número errado e alguém simplesmente abria a porta sem ao menos perguntar quem era.

No entanto, ao virar as costas para voltar às compras abandonadas na frente do elevador alguém de novo liberou a porta sem ao menos dizer alô. E o que é pior: tinha certeza de que não tinha me enganado. Apertara o 704.



“Que diabos está acontecendo aqui?” Voltei de novo e apertei mais uma vez. Alguns segundos depois o zzzz da porta acionada não deixava dúvida: havia alguém em minha casa!

Procurei repassar mentalmente todas as pessoas que podiam ter as chaves do meu apartamento. Alguma ex-namorada, meu amigo que tivesse voltado para buscar os livros esquecidos, meus pais vindos do interior... ninguém! Pelo menos que eu soubesse ou lembrasse. E mesmo se tivesse, por que não dizer um alô? Quem fala? Aqui é fulano, beltrana de tal.

O que fazer senão subir e conferir o que estava acontecendo?

Embora amedrontado, a curiosidade falou mais alto. Iria pelo menos até meu andar para verificar se havia alguma coisa errada.

O elevador, contudo, permanecia parado no sétimo.

Bati na porta externa para ver se o liberavam, até que em alguns segundos ele começou a descer.

Eram quase 20 horas. Horário normalmente em que as pessoas já estão em casa e os que devem sair, já saíram. Por isso não encontrei ninguém no elevador para dividir minha apreensão. O prédio estava em silêncio. Apenas o barulho residual das ruas, dos cabos do elevador, dos pneus dos carros na garagem e dos aparelhos de TV ligados.



Chegando no meu andar, nada que denunciasse alguma situação estranha. Só então pude escutar as primeiras vozes vindo dos apartamentos vizinhos. Isso, ao mesmo tempo que me tranquilizava aumentava a minha apreensão, pois, se algo estava errado, seria apenas em meu apartamento.

A porta, contudo, não denunciava sinais de arrombamento.

Sentia-me ridículo por estar chegando em minha própria casa com tanta cautela. Mas, o que fazer se o que podia encontrar ali não seria nada agradável: uma casa revirada, objetos furtados ou até mesmo a presença de alguém não desejado esperando-me no escuro. Tudo isso me passava pela cabeça enquanto girava a chave com cautela na fechadura, procurando fazer o menor barulho possível. Tinha planejado abrir a porta de um empurrão e correr para o fundo do corredor, em direção às escadas. Por isso deixei longe de mim as sacolas para não me atrapalharem na fuga.

Executei a manobra planejada, mas nada aconteceu. A porta escancarada assim ficou durante os minutos em que, ofegante, fiquei a observar à distância. Mas, nada, nem ninguém saiu dali.

O fato de ninguém ter se apresentado, porém, não afastava a possibilidade de ainda estar à espreita dentro de casa. Ao que, só agora eu me dava por conta: com o que havia feito, sem querer, tinha-o alertado.



Resolvi, então, me aproximar sorrateiramente da porta e acender a luz de casa, batendo de novo em retirada. Certamente a luz poria para correr até mesmo o assassino mais experiente, pois ele não executaria sua vítima às claras.

Decorridos alguns minutos, nada de anormal. Tudo em ordem e no mais absoluto silêncio, exceto pelos ruídos que vinham dos apartamentos vizinhos.

Encorajei-me, afinal, e resolvi entrar. Já estava irritado com a situação ridícula que estava vivendo.

Entrei, mas não fechei a porta, nem trouxe para dentro as sacolas esquecidas no corredor.

Precisava avançar com cautela no “terreno inimigo”.

Mas, ao final de uma vasta revisão por todos os quartos e cômodos da casa, não encontrei nada, nem ninguém estranho. Naquela altura, também, se houvesse alguém ali eu teria sido uma vítima fácil. Mas, o que fazer senão pagar o preço? Tinha-me irritado com aquela situação e, por fim, preferia o golpe mortal a continuar com aquela cautela inútil.

Só continuava a não entender uma coisa: quem tinha atendido o interfone?

Por fim esqueci-me do ocorrido. Minhas compras estavam lá no corredor e eu ainda tinha que tomar banho, jantar e descansar de um dia que tinha sido uma batalha no escritório. Era a última semana para entrega das declarações do imposto de renda e o trabalho havia aumentado consideravelmente.



Relaxei.

Fui buscar as compras esquecidas lá fora.

Nesse momento a luz do corredor apagou e tive que contar apenas com luz de dentro de casa. Voltei às escuras, me guiando pela fraca luz da porta entreaberta.

Ao entrar, no entanto, alguma coisa escura e muito rápida saltou sobre mim, me derrubando no chão, e antes que eu tivesse tempo de dizer qualquer coisa, tapou minha boca com um forte aperto, quase me sufocando, ao mesmo tempo em que me cutucava as costelas com o que parecia ser a lâmina de uma faca de caça. Percebi que estava dominado e que não devia reagir, de outro modo seria atravessado pela faca. No entanto, a expressão nos olhos do meu agressor não me deixava muita esperança. Era a morte que eu via neles!

Com os pés empurrou a porta, fechando-a com um forte estalo e com um movimento rápido montou sobre mim. Começou a se reclinar como se quisesse me dizer alguma coisa ao ouvido, antes de me matar. No entanto, quando abriu a boca para falar, o que ouvi não era voz humana, mas um forte zumbido metálico como a campainha de um interfone.

Acordei com a estridência do interfone de casa, insistentemente acionado.

Cansado como estava tinha adormecido no sofá, e o que me sufocava não era nenhuma mão assassina, mas sim a almofada que tinha sobre o corpo, tapando minha respira-



ção. A faca em meu flanco nada mais era que o controle da TV a me cutucar durante aquele sono rápido e pesado.

Acordei esbaforido, suado de terror e sem entender ainda bem o que tinha acontecido, atendi confuso o interfone que não parava de tocar.

– E aí, cara, tá pronto?

– Quem fala?

– Como quem fala, meu? É o Beto, não tá me reconhecendo?

– Beto? Que Beto?

– Como assim que Beto, cara? Teu colega de serviço. Esqueceu da festa da Lorena.

– Putz, cara, esqueci... Esqueci completamente. Acabei pegando no sono aqui no sofá. Acordei agora com você tocando esse bendito – ou maldito – interfone.

– Ah, não brinca? Como esqueceu, bicho?

– Esqueci. Aconteceram umas paradas meio estranhas aqui em casa e eu acabei esquecendo... relaxei no sofá e acabei pegando no sono.

– Mas e aí. Tu vai ou não vai?

– ...Cara, vai indo na frente. Se eu me animar, vou em seguida.

– Tu não quer que a gente te espere?



– Não... tá tranquilo. Agora até nem sei se vou. Tô pregado! Tive até um pesadelo agora há pouco. Amanhã eu te conto no escritório.

– Tu que sabe. Vai perder um festão...

– Eu sei...

Era o Beto, meu colega do escritório. Eu tinha esquecido da festa na casa da Lorena. Com tudo o que havia acontecido acabei esquecendo-me dessa festa de boas vindas à nova colega de trabalho.

Agora já não sabia se iria. Estava atrasado, confuso e ainda tinha de tomar banho, me arrumar...

Quando desliguei o interfone, o golpe me atingiu na altura das costelas. Só senti a queimação da lâmina entrando do lado esquerdo. Não tão fundo que atingisse o coração. Mas forte o suficiente para me derrubar.

Ainda pude ver os olhos do vulto que me atacava pelas costas. Foi a última coisa que vi com nitidez antes de cair no chão da cozinha e apagar.

A imagem da porta de casa bruscamente aberta pelo vulto em fuga, e assim deixada para minha sorte, foi se tornando cada vez mais fraca, turva e embaralhada, até se apagar como as luzes no teatro, entre uma cena e outra.



Cosmogonia

O sentido da vida é o daqueles que nascem acreditando firmemente em um, enquanto outros absolutamente não creem.

Da mistura dessas duas disposições de espírito resultam uns dando ânimo aos outros, e, quando anos mais tarde, os primeiros já perderam suas esperanças, os segundos já viveram bastante para darem simplesmente um fim em suas vidas. Afinal, agora eles têm um passado, uma história de sobrevivência e não mais como antes apenas um futuro incerto e sem sentido à sua frente.

Então, estes antes desalentados sobreviventes, dão hoje ânimo àqueles que perderam a sua fé, apesar de estes acharem isso hoje totalmente sem sentido.

E assim a Humanidade, que teve um começo incerto e talvez não encontrasse razão para sua existência, hoje mergulha em sua História e dela extrai forças para continuar.



Caixa de Ferramentas

O pai adoeceu e os filhos não sabiam o que fazer com suas ferramentas, se ele morresse. Elas foram colocadas dentro de um tonel de óleo lubrificante depois que ele se aposentou. Estavam, portanto, bem conservadas. No entanto, elas se tinham tornado inúteis desde que o velho as trouxera para casa, pois nenhum dos quatro filhos tinha seguido a sua profissão: mecânico. Elas haviam permanecido mergulhadas em óleo todos esses anos e, agora que o pai estava às portas da morte, eles não sabiam o que fazer com elas. Afinal de contas, eram ferramentas de ótima qualidade, importadas dos EUA e compradas no começo dos anos 50. “Quando ainda se faziam coisas de valor”, não se cansava de repetir o velho quando o assunto convergia para esse período.

Eles achavam um desperdício que ferramentas assim permanecessem sem serem utilizadas.

Não conseguiam entender porque o pai as trouxera para casa, quando se aposentara. Porque não as deixara na oficina, onde elas poderiam ter tido um emprego melhor. Afinal, não eram ferramentas e como tal destinadas ao trabalho? Que valor um tonel de ferramentas velhas poderia ter numa casa onde ninguém precisava delas?



Eram perguntas que eles se faziam, tentando entender as razões do pai e, a partir das respostas a estas perguntas, dar àqueles objetos um destino adequado.

Mas por que não fazer estas perguntas diretamente a ele?

– Não sei! Vocês que decidam o que fazer com elas. Trouxe-as para casa para vocês. Agora vocês vêm me perguntar o que eu quero fazer com elas?! – respondeu o velho, da cama do hospital, parecendo contrariado por aquela inter-rogação inoportuna.

– Mas, pai, nenhum de nós, aqui, seguiu a mecânica! Não era melhor o senhor tê-las deixado lá, na oficina, onde outros poderiam tê-las usado melhor?

– Ora, deixar na oficina! Essa é boa! As ferramentas eram minhas. Comprei-as com o suor do meu rosto. Agora vocês vêm me dizer que eu devia tê-las deixado lá?

– Sim... por que não?

– Porque não! Eles nunca deram para essas ferramentas o valor que elas mereciam. Pois bem. Quando me aposentei, pensei: vou levá-las para casa!

E assim novamente eles se viam com esse dilema nas mãos, pois eles, mais do que ninguém, sabiam o que aquelas ferramentas tinham significado para o pai. Por diversas vezes elas tinham sido o trunfo de que se valera o velho



quando brigava na firma e, como represália, trazia para casa a caixa de ferramentas. Elas eram o seu orgulho em forma de utilidades mecânicas que ninguém em sã consciência, naqueles tempos, podia prescindir, afinal, um jogo de ferramentas como aquelas ninguém tinha na cidade. E ele não se cansava de jogar isso na cara dos seus chefes. Era graças a ele e a seu jogo de ferramentas que aquela firma ia pra frente. O que era uma verdade, pois, além de possuir as ferramentas, ele era um mecânico de mão cheia. Chegava até a diagnosticar o problema das máquinas, na maioria das vezes dirigidas por operadores ineptos, por telefone. Bastava que lhe descrevessem os “sintomas” do equipamento para ele lhes dizer o que fazer. Se eles mesmos poderiam consertá-la ou se aquilo demandaria serviço mais especializado, de modo que ele teria que se deslocar até o local.

Após a aposentadoria, trouxe as ferramentas para casa, na velha caixa de metal em que ele ainda as conservava após tantos anos. Trouxe-as para casa e as mergulhou num tonel de óleo, guardando-as num canto do galpão, fora de casa, sem que ninguém soubesse por quê.

O que ele pretendia fazer com elas?

Eram ferramentas de máquinas pesadas: trator, patrola, caminhão, escavadeira. Que utilidade aquelas chaves de boca, cachimbos, martelos, chave inglesa, enormes, de aço maciço, teriam em casa?



Para ele, no entanto, após tantos anos dando duro com elas, era difícil simplesmente se despedir. Elas tinham sido testemunhas dos dias de sofrimento que passara. Das angústias na criação dos filhos, quando corriam boatos de que a firma estava prestes a fechar e não existia na cidade outra empresa que pudesse empregá-lo. Das decisões que ele tinha que tomar, mesmo quando elas contrariavam os interesses de seus superiores: “ vamos ter que trocar a tampa do cárter. Não tem jeito. Eu não vou soldar isso aí pra depois dar problema e o motor fundir. Pode ligar pra Caterpillar e encomendar a peça.” Tendo que muitas vezes enfrentar quem duvidasse da sua competência e o murmúrio dos invejosos, porque ganhava mais do que eles.

Aquelas ferramentas eram 40 anos da sua existência que estavam ali, mergulhados em óleo, e vinham lhe perguntar o que ele devia fazer com elas?! Eles que decidissem, pois, para sua alegria, ou desgosto – não sabia exatamente como encarar esse fato –, nenhum dos filhos tinha seguido a mecânica. Logo, a única solução adequada para aquele problema – a passagem daquelas ferramentas para algum herdeiro à sua altura – não se tinha concretizado. Todos haviam optado por carreiras menos sofridas, e disso ele não podia culpá-los. Eles, portanto, que não viessem agora importuná-lo com questões relacionadas ao destino que eles pretendiam dar às suas ferramentas. Eles que decidissem!

Mas os filhos não sabiam o que fazer.



Devolvê-las para a oficina, onde ele tinha, durante tantos anos, amargado o pão que o diabo amassou? Estava claro, não era a vontade do pai.

Doá-las simplesmente para alguém que fizesse um emprego útil daqueles objetos? Também não estava nos planos de ninguém, pois não dariam a qualquer um aquilo que certamente, mais do que qualquer outra coisa, lhes lembraria o velho.

Vendê-las? Muito menos. Não lhes parecia correto comerciar com aquelas peças que haviam tido uma convivência tão estreita com ele.

Por outro lado, quem iria ficar com o tonel de ferramentas depois do fim?

Ninguém parecia disposto.

Tudo isso ainda estava no plano das cogitações enquanto o pai esteve vivo. Porém, depois que o inevitável se consumou – todos, na verdade, já esperavam por isso, afinal o câncer de pulmão possui um alto índice de mortalidade e a quimioterapia só vinha tirando ainda mais a forças do velho nos últimos meses – o problema do destino das ferramentas adquiriu como que o peso do tonel onde estavam mergulhadas, pois ninguém queria dar a martelada final sobre o seu destino.

Por fim, a caixa de ferramentas acabou sendo esquecida no galpão. Até o dia em que esposa do filho que herdara a casa do pai, revirando aqueles velhos trates ali guardados



pelo falecido, encontrou o tonel das ferramentas. Lembrou-se do drama dos irmãos embasbacados diante daquele problema, cheios de escrúpulos para decidir o que fazer com elas e teve uma grande ideia. Ofereceu-as nos anúncios do jornal, até que uma firma interessada apareceu e fez a oferta. Algo que superava em muito a sua expectativa. Provavelmente, muito aquém do que elas efetivamente valiam.

Com o valor arrecadado, comprou os sapatos que há muito vinha desejando e que o marido negava-lhe.

Hesitou antes de usá-los, pois teria de dar explicações como havia conseguido o dinheiro. Quando os usou, porém, alegou que foi um presente deixado pelo sogro. Para estupefação de todos, que não entenderam nada do que ela estava falando. Contudo, foi tão convincente em sua história que ninguém mais tocou no assunto. Afinal de contas, da caixa de ferramentas, ninguém lembrava mais.



Conversa entre Amigos

Dois amigos encontram-se depois de muito tempo separados. Velhos, recordam com saudade os tempos de juventude. O mais extrovertido deles, e que se dava melhor com as mulheres, diz ao outro, que dedicou a vida ao estudo:

– Tu tinhas razão, a vida requer mesmo hábitos mais contidos, valores como os teus. Hoje tens motivo para te orgulhares da tua sabedoria e com o que juntaste esses anos todos de trabalho. Já eu... nada tenho, se não boas recordações.

– É verdade, hoje eu tenho razão, mas, naquele tempo, tu a tinhas.



Travessia

Meu último negócio antes de me aposentar foi ter comprado esta chácara. Meu último e, diga-se de passagem, meu melhor negócio, pois se eu pudesse adivinhar os dias que estavam por vir talvez não tivesse feito negócio melhor. Meus filhos e minha mulher adotaram um estilo de vida que, em absoluto, se afina com o meu. De modo que, depois de aposentado, não me restou alternativa se não me mudar para este retiro, onde eu possa ter um pouco de paz.

E paz é o que não falta aqui. De frente para o lago da represa do Rio Jacuí – uma das tantas existente ao longo do seu curso – a chácara é uma beleza, com muitos pés de erva-mate que ainda me darão alguma renda, além das ovelhas, galinhas, porcos e vacas de leite que vieram juntos no negócio.

Durante a semana, faz-me companhia o caseiro que mora com a família numa casinha aqui perto, e com o qual me entretenho durante o dia (dando ordens, naturalmente, que eu já não tenho o vigor de antes para pegar num cabo de enxada). Limpamos o erval, aramos a terra, plantamos milho para as galinhas e os porcos, adubamos as mudas de árvores frutíferas que plantamos há pouco no que, pretende-se, seja um pomarzinho daqui a alguns anos. Nos fins de tarde, cevamos junto o mate, contamos alguns causos ou ficamos apenas quietos, fazendo companhia um ao outro,



quando Antônio não prefira estar com os seus, o que me deixa um pouco arreliado.

A solidão, sabe? Ela não é bem meu forte.

Mas, logo isso passa, em geral ao sabor da pinga e ao som do rádio com o qual tento encher o ambiente. Deito-me cedo para estar logo de pé no outro dia. Hábito que eu trago dos tempos da ativa. Nunca consegui ficar até tarde na cama, por estes hotéis Brasil afora. Eu era representante comercial de uma indústria de doces de São Paulo. Preferia levantar cedo, cevar algum mate com o dono do lugar – quando este fosse gaúcho, é claro – procurando concentrar-me para o dia de negócios que tinha pela frente. Hoje, que estou aposentado, poderia me dar ao luxo de ficar até mais tarde na cama. Mas não me acostumo com a preguiça. Ademais, prefiro as manhãzinhas, quando o dia está apenas nascendo, para afugentar a melancolia que as noites de solidão têm-me provocado por estas paragens.

Uma tarde dessas, de verão, em que o dia invade a noite como um braço de mar que parece vai engolir a terra, e quando o vento calma na ramagem das plantas, fiquei intrigado com o som das vozes e risos que vinha da outra banda da represa. Nunca tinha reparado nisso até aquele dia. Parecia haver festa do outro lado. Para quem está sozinho, essas demonstrações de alegria aguçam ainda mais a solidão e a tristeza. Cheguei até à margem da água para ver se distinguia o que estava se passando do outro lado.



Mas não vi nada de anormal. Só o casario e alguns carros estacionados perto de uma delas.

No dia seguinte perguntei ao caseiro se ele sabia me explicar ao que se devia aquela algazarra que eu tinha escutado no dia anterior. Ao que o matuto respondeu-me meio desenxabido:

– O senhô nun sabe, não?

– Não sei. Por isso estou lhe perguntando.

– Aquilo é casa de mulher. De quenga, como se diz nas novela.

– Ah é?! – me fiz de estúpido, tentando disfarçar o meu interesse e a minha surpresa.

– É isso mesmo, senhô.

– E você já foi até lá?

– Quem?! Eu?! Deus me livre. Minha muié me capa se sabe de uma cosa dessas.

Não pude deixar de rir do seu jeito. O seu medo não oculto da mulher que eu desconfiava não fosse flor que se cheire fez-me achar engraçado a sua sinceridade, ainda que aquilo liquidasse as esperanças que eu pudesse alimentar de um dia fazermos a travessia. Para isso, seria preciso que sua mulher se ausentasse de casa, o que, a julgar pelos seus hábitos de galinha choca, não aconteceria tão cedo. Ainda mais passar a noite fora, longe da sua ninhada. Por isso não toquei mais no assunto, preferindo adotar a tática do homem sério



para não perder o respeito do empregado, nem criar demasiada intimidade com ele.

Fiquei, porém com aquilo na cabeça o dia todo.

Quem diria! Uma casa de recreio ali tão perto de mim, naquelas distâncias! E eu do outro lado da água agonizando de solidão e melancolia. Para chegar lá, no entanto, um mar de dificuldades.

E o que eu tinha a mão para fazer a travessia?

Um pequeno bote a remo e nos membros a falta de vigor para remar até o outro lado.

Nos fins de tarde, a partir de então, dava-me ganas de entrar represa adentro e atravessar aquilo a nado para acalmar a minha excitação só de ouvir as músicas e os risos, sem ter meios de chegar até lá. Tão perto e tão distante. Faraway, So Close, lembrava-me do filme de Win Wenders, dos anjos, de Nastassia Kinski e da atmosfera de Berlin, onde tudo se passava, tão parecido com o momento surreal que estava vivendo.

Um dia, porém, minha sorte começou a mudar.

As cercas da propriedade precisavam ser consertadas e, a propósito disso, vi-me obrigado a contratar um rapaz das redondezas para me ajudar nessa empreitada. Mal havíamos começado o serviço quando recebemos a visita de Maurício, meu genro, e Evelise, minha filha. Tinham vindo para ficar o final de semana, e Maurício estava ansioso para molhar a



minhoca na barragem, atrás dos peixes-reis que ali proliferavam. Impacientado com as misérias de lambaris que só lhe comiam as iscas, Maurício sugeriu a meu ajudante que lhe fazia companhia, para pegarem o barco e ir até o meio do lago onde pudessem tentar a sorte em águas mais fundas.

Eu, que não tinha pensado nisso até aquele momento, de repente vi o céu se abrir para mim.

Elias, meu ajudante, remava com vigor, de tal maneira que, em poucos minutos, os dois tinham-se tornado apenas um ponto no meio do lago. Aquilo reacendeu a ideia que eu já tinha reputado morta por falta de meios.

Faríamos a travessia, Elias e eu! Tínhamos apenas que esperar as visitas se irem para termos essa conversa.

Como é que eu não tinha pensado nisso antes?!

Por sorte, eles não pescaram nada. Maurício acabou se aborrecendo, e eu sabia que aquele bicho da cidade não aguentaria mais de um dia na chácara.

Como eu previra, no dia seguinte, sábado depois do almoço, Maurício convenceu Eve para irem embora. Esta resistiu, porque se preocupava comigo, mas, depois de se convencer de que eu ficaria bem – fiz, na verdade, poucas tentativas para retê-los –, aceitou acompanhar o marido.

Mal saíram, voltei-me para Elias com uma expressão que deve tê-lo assustado, pois o rapaz arregalou os olhos e deu um passo atrás quando me dirigi para ele com um sorris-



so que deve tê-lo feito pensar que, de repente, eu teria passado a gostar de homens. Tranquilei-o quando lhe expliquei minhas intenções. Sorri aliviado. Fariamos hoje mesmo a travessia!

Rumamos para casa a fim de nos prepararmos para a noite. Pedi a Elias que, enquanto eu me aprontava, ele verificasse o barco.

Em casa, tomei um banho demorado, fiz a barba, passei todas as loções que tinha à mão. Depois, sentei-me na área, pus um disco de serestas, a fim de entrar no clima.

Elias voltou da sua tarefa satisfeito. Estava tudo em ordem. Seria moleza fazer aquela travessia, e eu mesmo, no meu entusiasmo, prometi recompensá-lo se tudo corresse bem. A noite seria por minha conta!

O jovem parecia um pouco ansioso, por isso eu não pude evitar a pergunta:

– O que é que há com você? Parece que está nervoso com alguma coisa. Não está gostando da ideia de nos divertirmos um pouco?

– Não é isso, seu. É que eu... bem o senhor sabe, pode parecer brincadeira, mas eu... nunca...

– Você nunca esteve com uma mulher antes? É isso?

– É sim, senhor.

– Mas um rapagão na tua idade, nunca... você nunca teve namorada, rapaz?



– Ter eu tive, mas... não rolou.

– Que idade você tem?

– Eu tenho 22, senhor.

– Bem, está mais do que na hora de você ser iniciado nestes mistérios. Esta noite, no que depender de mim, você vai ter a melhor mulher daquela zona. Fique tranquilo.

Isso parece tê-lo deixado mais sossegado.

Tive que lhe emprestar uma camisa e um par de sapatos, pois, como o moleque tinha vindo a serviço, segundo me disse, não tinha trazido roupas de festa. Morava comigo agora, até concluir o serviço. A casa dos seus pais, com quem ainda morava, ficava longe e não havia porque ele estar perdendo tempo com ir e voltar. Nos finais de semana ele ia pra casa. Mas, naquele, por causa daquela ocasião especial, eu lhe tinha pedido que ficasse.

Dependia dele, vejam só, de um rapazote ainda puro, para fazer a travessia. Um tinha a força nos braços, o outro a experiência. Formávamos uma bela dupla.

A tarde ainda não havia caído, mas já estávamos prontos. Tínhamos toda a represa pela frente e não queríamos nos pegar no escuro fazendo a travessia. Nem que chegássemos cedo. A primeira travessia tinha que ser feita com a luz do dia.

Antes de entrar no barco, atolei os sapatos na lama da margem, sujando a barra das calças. Aquilo me deixou um



pouco contrariado, pois, de repente, me sentia de novo vaidoso, preocupado com minha aparência, coisa que há muito tempo eu não sentia.

Quando encetamos a jornada, imbicando a quilha do barco na direção do nosso destino, já tinha esquecido o ocorrido, conservando dele apenas a sensação do garoto que parte para uma noitada e repara em si os mínimos detalhes.

Sobre a barra do horizonte, um pôr-do-sol esplêndido. Um céu amplo que, do meio da represa, eu jamais tinha abarcado. Dir-se-ia a abóbada de imensa catedral, mudando de tom de acordo com a luz morredoura do sol, do azul mais claro ao azul escuro, passando por todas as tonalidades do vermelho e do amarelo. Contra este fundo, uma formação em V de aves em migração, como uma seta arremessada ao longe, conferia ao ambiente a última nota de uma beleza que eu não estava acostumado, pois vivia confinado sob as copas dos eucaliptos que faziam a volta da casa. De repente, via-me arremessado para o meio de toda aquela amplidão de água, céu e ar. Começava a sentir vertigens, como se fosse ser engolido por ela. Tive que me segurar na borda do barco, pois minha cabeça dava voltas. Elias perguntou se eu estava me sentindo bem, ao que eu lhe respondi que sim, só um pouco tonto. Eu devia estar pálido, pois o rapaz me sugeriu que eu abaixasse a cabeça entre os joelhos para ativar a circulação.

Andamos ainda bem uns 20 minutos até aportarmos com segurança na outra margem.



O lugar estava deserto, e a casa que calculávamos devia ser nosso destino estava em silêncio. Havia outras duas casas próximas que deviam servir de dormitórios.

Aproximamos-nos com cautela.

Fomos recebidos por uma senhora de cabelos pretos e profundas olheiras. Dissemos que queríamos beber um pouco. Aquela devia ser a senha para os que chegavam, sobretudo para os primeiros como nós. Fomos convidados a entrar e informados que abria uma exceção porque não costumava receber fregueses tão cedo. As meninas precisavam jantar e algumas mesmo não tinham voltado da cidade, para onde tinham ido às compras.

Deixamo-nos estar numa sala abafada para onde fomos levados. A casa era de madeira. Tinha absorvido todo o calor do dia e ainda o conservava. Com suas portas e janelas fechadas emanava odores que nos pareciam uma mistura de cerveja com água sanitária, de uma higiene feita às pressas. Pedimos se podíamos abrir uma janela. Fomos salvo por uma brisa que começava a soprar da barragem. A mulher que nos recebera, agora nos servia cerveja. Achamos que ela fosse a dona do lugar.

Havia algumas poltronas em redor e, no centro, uma mesa de bilhar que a gente tinha certeza era removida para dar início ao baile.

A senhora disse que teríamos de ter paciência e que jogássemos umas partidas de sinuca, se nos agradava. As



bolas estavam na mesa. Ela não poderia nos fazer sala. Tinha mais o que fazer. Em breve chegariam as meninas.

Para mim, aquilo tudo era muito natural, e nada poderia abater o meu ânimo naquela noite. Há muito tempo não vivia uma aventura como aquela.

A patroa entrava e saía da sala por uma porta lateral que levava ao que parecia ser uma cozinha. Contígua a essa ficava o banheiro, sem indicação na porta do gênero a que se destinava. O que dava bem o tom da indiferenciação que naquele ambiente viviam homens e mulheres. Algo que sempre havia admirado nas prostitutas: um trato naturalíssimo da sexualidade e das necessidades mais torpes do corpo e da alma humana, rompendo com todas as barreiras do pudor e das regras sociais.

Ouviam-se, eventualmente, risos e conversas baixas, vindo de algum lugar indeterminado atrás das paredes. Mas não víamos ninguém até a chegada ruidosa do grupo de mulheres que tinha ido à cidade.

Estavam muito maquiadas e usavam roupas coloridas e provocantes. O grupo era composto por vários tipos e de idade as mais diversas, mas me chamou de imediato a atenção um menina loura de seus 20 anos, olhos verdes de gata assustada, no meio daquele bando heterogêneo e espalhafatoso. Dir-se-ia que aquela fosse sua primeira noite naquele lugar esquecido de Deus, fugida talvez de uma família pobre ou de um padrasto ousado demais, como sói acontecer por essas periferias de cidade grande.



Não se detiveram muito, sobretudo ao perceberem a nossa presença. Traziam diversos pacotes e faziam muitas exclamações pelo que tinham achado nas lojas e que o dinheiro já não valia mais nada. Precisavam atualizar seus preços.

Ruídos, enfim, que foram esmaecendo à medida que foram mergulhando na cozinha, que parecia também ser a passagem para os quartos. Passagem que antevíamos com excitação quando mais tarde seríamos conduzidos por ela.

Mal nos tínhamos dado conta de que a noite havia avançado e já não nos atraía mais o jogo de bilhar. Desistimos da partida e fomos nos sentar nas poltronas, instalados como marajás em seu harém, à espera das concubinas.

Elias me disse que suas mãos estavam suadas e que isso acontecia quando ele ficava nervoso. Disse-lhe para se acalmar, pois teria mais chance de ser bem sucedido com a sua juventude, do que eu com a minha experiência. Aquelas eram mulheres experientes e saberiam muito bem como deixá-lo à vontade.

Pelas janelas abertas, a brisa que soprava da barragem havia varrido da sala todo resquício do odor que antes havíamos encontrado. E, assim como o ambiente, essa era a nossa disposição de espírito: com as portas e janelas abertas para o que estava por vir.

Minutos depois, uma morena alta e esbelta, com botas de cano alto, minissaia preta e meias arrastão – o traje



fatal das garotas de programa – entrou na sala para perguntar se estávamos à vontade, se queríamos mais cerveja e se gostaríamos de ouvir música. Só então nos demos conta da existência de um aparelho de som no canto mais escuro da sala, à nossa direita, o qual se iluminou ao toque da mulher que manuseou algumas teclas antes de a música começar a tocar. Perguntou se tínhamos alguma preferência, ao que respondemos que tanto nos fazia. Não tínhamos vindo ali exatamente para escutar música, o que ela entendeu, com uma gargalhada, e acabou por se decidir por uma música sertaneja do momento. E isso parecia ser a senha para o começo do baile, pois, tão logo a música começou a tocar, as mulheres desceram sobre a sala, como uma revoada de pardais, ocupando as poltronas disponíveis, em trajés sumários que davam bem ideia do que teríamos pela frente. Rindo e falando alto, cruzando as pernas com malícia e voluptuosidade, outras se recostando no braço das poltronas já ocupadas, todas com os olhos fixos em nós, tentando adivinhar que tipo de homens éramos.

A entrada delas fez o ambiente perder a neutralidade de antes. Éramos lançados em plena disputa pelas graças daquelas beldades, mas não devíamos nos precipitar. Imaginava que as mãos de meu companheiro, àquela altura, deveriam estar pingando de suor.

Por fim, a mulher de botas aproximou-se de nós e sentou-se sobre o braço da poltrona em frente, deixando-nos a mostra um pouco da calcinha rendada que usava. Apre-



sentamo-nos como pretexto, e comecei a lhe contar a nossa aventura de atravessar o lago e do exímio remador que tinha encontrado em meu companheiro, graças a quem tínhamos conseguido chegar até ali. Com isso, conseguia introduzir meu amigo na conversa, o qual parecia aos poucos adquirir confiança, sobretudo com a imagem que agora tinha diante dos olhos. De imediato, compreendi que aquela seria mesmo a mulher ideal para ele. E ele também havia gostado dela. É óbvio que, sob a casca da timidez, começavam a se agitar os ímpetos do macho e Elias logo soltaria a língua para contar como tinha aprendido a remar desde pequenino, quando o lago da represa começou a se formar. Queria impressionar Camila, a mulher das botas altas. Pisquei para ela a propósito disso e ela entendeu. Continuamos a conversa enquanto o ambiente se enchia de outros homens. Contei-lhe a situação do rapaz, pedindo-lhe que dispensasse a ele uma atenção especial.

Eu não me havia enganado. Ela revelava o maior gosto por ter o controle da situação. Quando eu lhe pedi, então, para ser a anfitriã de Elias nos mistérios do sexo, eu a havia envaidecido. Depois o próprio Elias me contaria como havíamos feito a escolha certa.

Dançamos até cansar as pernas. Misturamo-nos entre tantas mulheres que era até difícil escolher uma. A verdade é que muitas não eram bonitas. Já tinham certa idade ou estavam semi-acabadas pela vida que levavam. Com exceção da que Elias já tinha escolhido para si – ou daquela pela qual



tinha sido escolhido —, havia apenas mais uma ou duas garotas mais novas. E essas eram disputadas pelos homens da sala, com exceção daqueles que, por timidez ou por absoluto senso da própria condição, resignavam-se em pegar o que aparecesse.

De minha parte, também não tinha muito que escolher. Mas também não queria passar minha primeira noite mal acompanhado. Por isso custei a me fixar em uma em particular. Preferi adotar a técnica de ficar na espreita, até as coisas se definirem melhor. Vendo minha situação, Camila veio em meu socorro. Disse que aquela noite estava feliz e que eu tinha contribuído para isso. Não queria me ver só daquele jeito. Providenciaria para que eu não saísse dali sem ficar com vontade de voltar. E, dizendo isso, me tomou pelo braço. Atravessamos todo o salão até a porta da saída. Eu não entendia o que estava acontecendo, mas me deixei levar pela sua animação. Também não queria decepcioná-la. Ela se esforçava para me agradar.

Sáimos da casa principal, atravessamos o pátio, deixando para trás o ruído da música, das vozes e a fumaça insuportável dos cigarros. Minha roupa cheirava a tabaco. Pedi-lhe aonde íamos. Respondeu-me que queria me fazer uma surpresa. Disse-lhe ainda, brincando, que lhe tinha pedido que cuidasse do meu amigo, não de mim. Ao que ela pediu para que eu me calasse. Já estávamos chegando lá. Paramos diante da porta da casa próxima, onde apenas uma luz baça e o silêncio reinavam. Entramos e Camila me apresentou a



Angélica, a moça dos olhos verdes, que antes eu tinha visto. Disse-me Camila que Angélica nem sempre participava da folia da outra casa. Por isso ela era cobiçada pelos homens que a conheciam.

Disse-me, ainda, Camila que, ao me observar, achou que eu gostaria de Angélica. E ela queria me fazer um agrado naquela noite de estreia. Para ficar freguês, disse-me, de novo, deixando-nos a sós.

Angélica até então não tinha dito palavra. Sentada na cama, parecia que já se ia recolher, pois estava apenas de camisola. Era linda agora que a via melhor. Dir-se-ia não ser uma mulher daquele meio. Também demonstrava ter educação, pois me pareceu que lia quando chegamos. Sentou-se na cama, com os pés no chão, observando-me com curiosidade. Parecia querer adivinhar o que eu faria em seguida.

Sem jeito, no meio do quarto onde Camila tinha me deixado, sentia-me atravessado por seu olhar frio, sem saber o que dizer. Ela, em verdade, era tudo o que um homem poderia desejar. Mas era tão jovem... eu me sentia meio embaraçado de estar ali com os propósitos pelos quais Camila tinha me trazido, de modo que agora já não sabia se tinha sido uma boa ideia.

– E então? – perguntou-me, de repente, sentindo meu embaraço e com naturalidade como se aqueles rompantes de Camila já fossem bem conhecidos.

– Desculpe, mas a ideia não foi minha, foi dela...



– Eu sei, não se preocupe. Camila tem um parafuso a menos. Aliás, esta parece ser sua primeira vez aqui. Eu pelo menos nunca o tinha visto.

– Sim. Eu moro do outro lado... da represa, sabe? Nós viemos remando.

– É?! – disse ela, de repente, curiosa. – Legal!

– Também acho. Eu moro sozinho e todas as noites eu ficava escutando o barulho das festas que vocês dão aqui, então eu ficava me perguntando como eu poderia atravessar essa água toda e chegar até vocês, onde eu pudesse arrumar alguma companhia.

– O Senhor... quero dizer, desculpe. Você é separado, viúvo?

– Mais ou menos. Quero dizer, mais ou menos separado, né? porque viúvo não dá para ser mais ou menos – que babaca, pensei. Que papel eu estou desempenhando para esta menina. – Escuta eu posso sentar? Estou me sentindo como se eu estivesse na Polícia dando um depoimento.

– Oh, é claro, me desculpe. Sente-se aqui – disse ela com um salto da cama, puxando para mim uma cadeira da mesa próxima. O seu robe, com isso, se abriu um pouco e eu pude ver que estava apenas de calcinha. Era um robe de seda bege, que realçava suas formas.

– Me diga, o que uma menina como você faz aqui? – disse de repente encantado com sua beleza, com sua educa-



ção, intrigado com o que uma mulher como ela iria querer num fim de mundo daqueles.

– Eu sou uma menina pobre. Isso define tudo. E sempre quis as coisas que a minha família não podia dar. Por isso, fui prática, só isso.

– Mas você, bonita como é, educada, podia cativar qualquer homem. Poderia se casar. Ter uma vida de princesa.

– Hoje em dia os homens não querem mais isso. Eu já tive namorados, principalmente esses garotos ricos. Eles só querem transar, depois dar o fora. Por isso eu encarei as coisas pelo seu lado mais... prático. E aqui eu ganho até mais ou menos. Mas também não fico com qualquer um. A Camila nesse ponto respeita minha decisão.

– Mas é uma vida ingrata... logo você vai estar...

– Olha, quer saber de uma coisa? Não vamos mais falar sobre mim, tá. Eu já sou crescidinha e puxão de orelha eu já levei demais na minha vida. Agora sou eu quem manda em mim.

Ela tinha voltado a sentar na cama, mas com esta intervenção, levantou-se de novo e andou até a janela. Puxou um cigarro do bolso do robe e começou a fumar olhando para a represa. Sentia-me embaraçado de vê-la de costas. Seu corpo era perfeito e os cabelos caíam-lhe até o meio das costas num loiro que se confundia com a cor do robe.



Ela sabia que eu a desejava.

– Você quer ficar comigo esta noite? – disse, de repente, voltando-se para mim.

Aquilo me pegou de surpresa, sobretudo vindo de uma pessoa tão jovem. Se tinha uma virtude que ela possuía esta virtude era a determinação.

– Sim – eu só pude me ouvir dizer, ao mesmo tempo pensando se eu teria como... “pagá-la”. Aquilo me soava tão grotesco, a ideia de que a pagaria por isso. Queria propor-lhe casamento, dar-lhe todos os meus bens, rastejar aos seus pés, mas “pagar-lhe?”. A ideia me dava náuseas e a ela também, desconfiava. Por isso não fiz qualquer menção de lhe pedir quanto. Apenas fiquei em meu lugar, sentado ao lado da mesa, petrificado, enquanto a via se aproximar de mim com o robe entre-aberto. Chegou até a minha frente, agarrou minha cabeça com os dedos fortemente entrosados em meus cabelos e puxou-me para si, entre os seus seios, enquanto, sinuosa, fazia o robe deslizar até o chão.

Não lembro de ter tido em minha vida uma noite como aquela. Ela descobriu em mim potencialidades que eu julgava esquecidas. Ela tinha percebido, pela conversa que tivemos, que eu era uma pessoa com alguma educação. Não queria me decepcionar. A sensação que tive é que ela também havia gostado de mim. Como se ela tivesse identificado em mim a figura de proteção que ela não havia encontrado em outros homens. Eu também não a tinha forçado a nada,



isso deve ter contribuído para ela se sentir mais segura comigo e mostrar tudo aquilo de que era capaz.

Tudo nela me atraía: a pele, o cheiro, a sua inteligência, a sua segurança de mulher prematuramente amadurecida. Seu senso de realidade não tinha par com todas as bobocas que teriam a sua idade. Era já, aos vinte e três anos, uma dama.

Quanto ao preço, em nenhum momento falamos nisso. Era até difícil acreditar que ela vivesse daquilo. Poderia imaginar tudo: que ela estivesse de passagem visitando uma amiga e que no lugar conheceria um homem maduro pelo qual se apaixonara. Na primeira noite que o conheceria, foram para cama e aquela relação se tornaria inesquecível para ambos. Agora, pensar que ela fosse uma prostituta e que cobrasse pelo seu serviço, para mim isso era difícil acreditar. Até poderia a supor uma prostituta de luxo, com educação e bom preço, momentaneamente extraviada por aquelas bandas. Poderia ser uma hipótese plausível. Mas, uma prostituta como aquelas que estavam na outra casa? Jamais! Contudo, não pude arrancar mais nada dela. Do seu passado, do seu lugar de nascimento, do que tivesse sido antes de cair na vida. Ela guardava seu passado como uma joia valiosa e devia ganhar bem por isso. Eu, de minha parte, deixei tudo o que tinha, envergonhado de ser tão pouco e de ter que descontar a noite de Elias que eu lhe tinha prometido.

Escondi o maço de notas sob o abajur da cabeceira da cama e sai de fininho. Não queria acordá-la. Não pelo menos



até ter tudo pronto para a partida. Só assim eu teria certeza de que não me deixaria reter ali, preso em sua ilha, como Ulisses por Calipso.

Tinha despertado cedo, muito cedo para o sol não nos surpreender naquele lugar e com sua luz estúpida estragar todo o encanto de que se tinha cercado aquela noite. Queria zarpar antes de o dia nascer. Para isso fui atrás de Elias na outra casa que aquela hora também ressonava na indolência de uma noite de festa.

Bati na porta e entrei de mansinho, para não acordar ninguém. Veio me receber, surgindo do nada como antes tinha surgido e depois desaparecido, a mesma mulher que nos tinha recepcionado quando chegamos ali, à tarde. Pedi por Elias, dizendo-lhe que achava que ele estaria com Camila.

De imediato ela me conduziu por um labirinto de corredores daquela casa estranha que, a se julgar de fora, não se diria tão grande. Encontramos os dois na cama dormindo. Elias queria ficar mais. Naturalmente entusiasmado pela companhia que não queria largar como a criança que ganhou seu primeiro presente. Mas, eu não queria fazer a travessia sob um sol escaldante. Chamei-lhe a atenção para isso e para, enfim, um último argumento: a ordem do patrão.

Camila sequer se levantou. Disse que o gajo tinha acabado com ela. Precisava dormir uma semana para se recuperar. Que acertássemos as contas com a mulher que nos tinha recebido. Foi o que fiz enquanto Elias por mais alguns



minutos se despedia da sua professora naquela noite. O rapaz, decerto, tinha se apaixonado, pensei, considerando ao mesmo tempo o que teria acontecido comigo, com a minha mais nova descoberta.

Ah, o amor! Quão insondáveis são seus caminhos!

Saímos para a noite, procurar o barco onde o tínhamos deixado há horas atrás. Havia uma aragem fria e a neblina cobria tudo. Quase não podíamos ver onde ficava a margem. Advinhávamo-la pelo baixo marulhar das ondas. Mas foi em vão que procuramos o barco onde achávamos que o tínhamos deixado. Andamos de um lado para o outro como dois ébrios na escuridão, nos afundando na lama, às vezes quase caindo para dentro da água.

Nada do barco!

Elias, de repente, procurava-o engatinhando como se este fosse uma coisa tão pequena que pudéssemos tê-lo perdido na lama, tal era o seu desespero de não encontrá-lo mais onde insistia que o tinha atracado. Mas eu já não esperava encontrá-lo até a manhã. Temia, sobretudo, que alguém tivesse se aproveitado da nossa distração e surrupiado o único meio de transporte de que dispúnhamos para fazer a viagem de volta.

Voltamos resignados para casa. Eu para a minha, Elias, para a sua. Apesar da contrariedade de não termos localizado o barco, não podíamos esconder um do outro a satisfação de estar de volta.



De manhã pudemos ver o que tinha acontecido. A embarcação tinha sido levada pelas ondas e pelo vento durante a noite. Naturalmente, Elias, na ansiedade com que chegamos, imbricou mal e mal a canoa na margem, de tal maneira que as pequenas marolas da represa e a brisa que soprara durante a noite tinham sido suficientes para desprenderem-na e levá-la, à deriva, até o meio do lago.

Agora, sob o sol meridiano da manhã, a canoa parecia zombar de nós, de lá de onde estava, diante do nosso olhar de impotência e perplexidade, subindo e descendo ao sabor do movimento das águas.

De repente, nos víamos presos ali, por um capricho da natureza, mas ao mesmo tempo não sentíamos vontade de voltar para casa. Aquele improvável incidente tinha despertado em nós uma aguda interrogação: o que nos esperava na outra margem?

A rotina, o trabalho, a solidão e a realidade de uma vida sem amor.

Teria aquele incidente com o barco sido apenas um acaso? Não seria, afinal, aquela travessia muito mais do que apenas uma aventura, mas a passagem para um outro lado da vida que não tínhamos até então enxergado?

Certos de já sabermos as respostas, demos as costas para o lago da represa, e entramos para tomar café com as mulheres.



Definição de um Escritor

Tenho passado a maior parte do meu tempo escrevendo mensagens e as lançado ao mar, dentro de garrafas, com pedidos de socorro. Não tenho obtido resposta, apesar de estar nesta atividade há anos. No entanto, encontrei no ato de escrever um prazer que não conhecia. Prazer esse oriundo da satisfação de produzir histórias. A solidão a que fui constrangido pelo naufrágio tem-me proporcionado o ambiente ideal para esse tipo de atividade. Tenho passado a maior parte do meu tempo nesse labor.

Atualmente estou escrevendo a história da minha vida nesta ilha, o que tem absorvido todos os meus esforços durante o dia. E planejo para breve outra história com ingredientes mais picantes, histórias de piratas, tesouros escondidos e as descobertas incríveis de um naufrago numa ilha deserta.

Enfim, as possibilidades são muitas...

Todos os dias lanço um capítulo novo ao mar, na esperança de resposta que até agora não veio. No entanto, isso já deixou de ter importância para mim.



A Revolução Sexual

Após muitos anos, os homens começaram a tomar o seu lugar na História. A hegemonia feminina começava a dar mostras de cansaço, e os homens, então, puderam alcançar a emancipação.

Mas não vá pensar que essa tivesse sido uma tarefa fácil, pois foram necessários protestos, cartazes, passeatas, brigas de ruas para que se pudesse atingir esse estado.

Até então, ao homem estava destinado um papel secundário na sociedade, e aqueles que adquiriam o direito de ter alguma voz de destaque só a alcançavam após uma idade avançada. Em outras palavras, depois de conseguirem demonstrar que se podiam abster das questões sentimentais, tão nocivas à sã condução de um povo.

Mas esse estado de coisas só começou a mudar quando os homens puderam ter acesso à educação e a pensar por conta própria. No preciso momento, quer dizer, em que eles tomaram consciência do seu valor num mundo, antes totalmente dominado pelo sexo feminino.

Questões como a inabilidade intrínseca do homem para assuntos políticos por causa da sua agressividade natural e pouca paciência nas negociações começaram a serem desmistificadas, na medida em que mais e mais homens trou-



xeram um pouco de ousadia para as grandes questões nas quais, antes, só a fleuma feminina já não bastava.

E o que dizer das cátedras, até então privilégio exclusivo das mulheres que reputavam os homens incapazes de se encarregar da formação dos espíritos por causa da sua aversão natural com as questões especulativas?.

Nos esportes, igualmente, interditava-se a prática daqueles em que o vigor masculino pudesse se fazer mais evidente e pôr em risco a beleza dos espetáculos, nos quais a graça e o espírito de ordem das mulheres deveriam prevalecer.

Desse modo, os homens eram mantidos em um estado de semiletargia, acreditando em tudo aquilo que as mulheres lhes contavam do mundo lá fora. Como crianças assustadas que ainda acreditam em monstros. O que só podia interessar a quem mais se beneficiava disso: elas, as mulheres.

Entretanto essa supremacia feminina estava com seus dias contados e o seu fim se fazia anunciar de dentro do próprio sistema por elas implantado. Pois, na medida em que os homens estavam infensos às preocupações de manter um lar, da concorrência cada vez mais acirrada no mercado de trabalho e do estresse de um dia a dia cada vez mais desgastante e menos satisfatório, eles, que ficavam em casa, ao abrigo desse mundo insano, podiam cada vez mais aperfeiçoar o seu gosto pelas boas coisas da vida – o sexo, a boa mesa e a arte.



Já elas, chegavam em casa cada vez mais cansadas e raramente conseguiam corresponder aos apelos dos seus maridos por mais atenção, amor e sexo. O que deixava no ar uma sensação de culpa, de que estavam devendo, sobretudo na cama.

As solicitações do mundo já eram tantas! Seria excessivo exigir delas que ainda satisfizessem a seus esposos. Elas os achavam injustos e insaciáveis.

Com o passar do tempo, a opinião deles começou a ser mais ouvida, seus conselhos mais seguidos e suas atitudes diante da vida imitada. Da cama para o mundo dos negócios, da política e do saber foi um pulo, até que as reivindicações deles por mais espaço também nessas áreas tornaram-se irresistíveis. Isso representou o golpe derradeiro nesse mundo dominado por um só sexo.

Foi assim que, graças a um bom desempenho na cama, os homens conquistaram o seu espaço na antiga sociedade matriarcal e, ainda hoje, estão cheios de convicção de fazerem deste mundo um lugar melhor para se viver. Pelo menos até começarem a brochar na cama, fazendo com que a balança da História penda novamente para o lado delas.



Mãos Rachadas

Ela chegou até o guichê do caixa com o mesmo açodamento com que saiu de casa. Pousou sobre o balcão as mãos rachadas pelo frio e pela água e declarou ao funcionário do outro lado do acrílico, que lhe olhava como ao vazio, o que desejava.

“Elizabeth não vai precisar mesmo desse dinheiro tão logo.” Pensava enquanto o funcionário se afastava para conferir seus dados.

“Podemos juntar de novo uma boa quantia pra ela. Além do mais, ela bem pode ter mais sorte do que eu na vida.”

Provavelmente, nesse momento, o funcionário de olhos mortiços, estaria tomando consciência do que ela estava fazendo: sacando o dinheiro da poupança da filha, que ela mesma, há alguns anos, havia aberto.

“Ele não tem nada com isso!” Pensou mais uma vez a mulher, estudando a fisionomia abatida do rapaz, tentando com isso afastar um incipiente sentimento de culpa.

Ela não era uma mulher velha, mas a dureza da vida havia acelerado a passagem dos anos e, nesse dia, ela tinha tomado a decisão de fazer alguma coisa por si. Além do



mais, já não aguentava as rachaduras da pele de suas mãos por causa das roupas que tinha que lavar no tanque, sob o frio.

Provavelmente o rapaz havia percebido alguma coisa nos seus olhinhos azuis lambuzados de lágrimas ou nas mãos calejadas sobre o balcão para se sair com esta:

– Chega de sofrer, então, vizinha?! – fazendo-a lembrar, então, que havia se denunciado logo no início, por causa da ansiedade com que havia chegado e, em poucas palavras, contado toda a história.

Quem sabe na tentativa de se desculpar por estar sacando o dinheiro da filha?

Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de se render à sinceridade daquelas palavras afetuosas que lhe iam direto ao coração.

Sentiu mais uma vez seus olhos se encherem de lágrimas e só pôde assentir afirmativamente com um balançar de cabeça.

Não pôde, contudo, deixar de sentir um vazio, em seguida, por ter-se despedido tão rápido do rapaz que, talvez, lhe ajudasse a se sentir menos culpada pelo que estava fazendo. Mas não havia outro modo de agir, dada à precariedade do lugar e da pressa das pessoas às suas costas que esperavam sua vez. Mas, isso já não lhe importava mais, agora que estava fora da agência e lhe renascia inteirinha a vontade de concretizar seu plano.



Bastava-lhe, enfim, tomar todas as precauções para fazer um bom negócio, não perder dinheiro e conseguir exatamente aquilo que queria. Ainda sentiu um último laivo de culpa ao cruzar o limiar da primeira loja. Depois, no entanto, já começava a sonhar com a vida nova que teria.

Esteve em várias, zelosa do seu dinheiro.

“Do seu dinheiro?!” Não pôde deixar de se repreender por se expressar daquela maneira em relação ao dinheiro da filha.

“Ah, ainda isso?!” e deu de ombros.

Olhou, examinou, desconfiou das promessas dos vendedores. Por fim, consumou o ato que lhe levaria à liberdade e a uma vida nova.

Chegou triunfante em casa com a máquina de lavar roupas, novinha em folha.

A despeito do que lhe dissessem a filha ou o marido, só ela sabia o que significava gastar a vida na frente de um tanque cheio de roupas, roendo as mãos no sabão, na água e no frio.

Só ela sabia.



O Alquimista

Após uma vida consumida em pesquisas, o alquimista chegou à fórmula do elixir rejuvenescedor. Experimentou-o em si e, de fato, a descoberta devia ser a fórmula pela qual tantos outros pesquisadores demandaram por séculos, pois já tinham se passado 200 anos daquele que devia ter sido o fim dos seus dias e ele continuava forte como nos anos da sua mais tenra juventude.

Nesses dois séculos de sobrevida, ele havia experimentado todos os prazeres da carne, satisfeito todas as curiosidades do espírito, conhecido os confins da Terra e enriquecido graças a um estratagema que ele mesmo havia concebido para não levantar suspeitas dos seus contemporâneos durante suas diversas vidas: herdava de si mesmo todos os seus bens através de mortes fictícias que simulava de si com papéis falsos.

No entanto, uma coisa começava a incomodá-lo e para a qual, ele supunha, nenhum homem estaria suficientemente preparado ainda que vivesse mil anos: aceitar a superação dos conceitos que através dos anos ele havia formulado sobre a matéria e o Universo. Sentia-se, de fato, como uma verdadeira criança diante da evolução que o mundo vinha passando e já não se encontrava mais disposto como antes a acompanhar a evolução da ciência. Apesar de conservar a



boa aparência, sua memória não conseguia suportar tantas informações novas que iam se acumulando, muitas contradizendo as outras, e ele via, uma a uma, as suas teses caírem por terra sobre aqueles assuntos que antes lhe tinham sido tão caros. No começo, tentou investir contra as novas teorias sobre o Universo, a descoberta da translação da Terra, dos novos planetas, as leis da gravitação universal, a matematização do mundo. Mas, contra a verdade ele não tinha armas, e, a bem dela, era necessário deixar de lados aqueles “sonhos” juvenis, pois eram hoje como lhe pareciam suas antigas teorias: sonhos juvenis.

Trezentos anos de existência e a via começava a aborrecê-lo. Sentia-se farto de viver tanto e acumular experiências. O que elas eram na verdade? Decepções, desgostos, contemplação da futilidade de todos os esforços do homem para acrescentar “um côvado a sua estatura”. Tinha o vigor de um jovem, mas o espírito de três velhos! Do que lhe adiantava isso?! Não podia sequer revelar o seu segredo. Parecia-lhe que lançaria a Humanidade numa maldição, se assim o fizesse. Peregrinações de todos os cantos do mundo e cada um querendo para si a vida da qual ele já estava disposto a abrir mão.

E quanto às pessoas que tinha amado?

Todas mortas. E cada vez, morria um pouquinho também. Não no corpo que se mantinha jovem, mas no espírito, que é a pior das mortes. Tinha se enchido de amargura. Precisava dar um basta nisso, mas...



Não sabia como desfazer o encanto do elixir. Parecia-lhe que estava, por assim dizer, condenado a esta vida de misérias sobre este planeta sem sentido. Tinha que empreender esforços agora para descobrir como anular os efeitos da fórmula que havia inoculado em si, trezentos anos atrás.

Estudou mais cem e levou outros tantos em tentativas frustradas. Até que, do alto dos seus quinhentos anos de existência, quase desfalecido pelo torvelinho em que o mundo o tinha lançado, o alquimista chegou ao termo de suas pesquisas. Tinha descoberto a fórmula que tornaria possível o fim dos seus dias e a passagem para o seu descanso. Cercou-se de todos os cuidados para que nada desse errado, e que a ocasião se revestisse de uma solenidade que ele não tinha tido quando entrara nesse círculo de dor e sofrimento.

Serviu-se numa longa mesa, cercado dos seus melhores amigos, belas mulheres e das eminências da sociedade. Provou à farta de todos os prazeres da melhor das mesas como o anfitrião daquele derradeiro festim, ergueu a taça de vinho num brinde a este mundo que deixava e a seus prazeres, e entornou num trago o cálice misturado a poção do desencantamento.

Entregou-se aos braços da morte com um sorriso no rosto e a alegria de quem parecia ter se livrado de um pesado fardo.



Contrato de Casamento

O homem chegou para a mulher e disse:

– Está bem, eu caso, mas só se você me prometer: não implicar comigo por causa dos meus horários, se eu chegar tarde em casa ou mais cedo. Se eu chegar algum dia de porre ou se eu não quiser chegar e quando eu ande de pijama pela casa até as 5 da tarde ou quiser dormir de madrugada ou antes das 8 da noite. Se você não policiar meus gastos com livros, discos, roupas e bebidas. Se eu puder ouvir som a todo volume ou quiser assistir aquele longa-metragem que você acha chato. Se eu puder viajar sozinho pra Nova York quando o pacote for muito caro pra nós dois. Se eu puder reclamar da comida sinceramente quando não a achar boa como você gostaria que tivesse ficado. Se eu puder dormir de roupa quando estiver cansado demais para sequer tirá-la e poder receber em casa meus pais, irmãos e amigos para assistir o futebol, jogar cartas ou simplesmente tomar uma cerveja. Se eu quiser ficar o fim de semana todo na cama para me refazer da semana ou viajar para a casa dos meus pais, um fim de semana sim, outro não. E quando eu quiser cozinhar qualquer droga na cozinha, não ouvir reclamações sobre a bagunça que eu deixei e a sujeira...

A mulher se voltou, então, para ele e disse:



– Tudo bem, mas só se você: não se importar se eu quiser dormir até às 10 todos os dias. Arrumar uma empregada em tempo integral que saiba cozinhar o trivial e pratos exóticos. Que você me ceda um talão de cheques e um cartão de crédito sem limite de gastos. Que eu possa viajar de vez em quando desacompanhada, sem precisar desfiar um rosário de explicações sobre aonde eu vou, com quem e por quê. Poder frequentar o salão de beleza e fazer compras pelo menos uma vez por semana sem me sentir culpada pelas reclamações que você fizer. Ser livre para dizer, na hora que você quiser fazer amor, que não estou disposta, que prefiro dormir, sem precisar inventar qualquer dor de cabeça de última hora e sem que você se sinta preterido por qualquer suposto caso extraconjugal. Sair sozinha com as amigas, nem que seja para ir à igreja e que você aprenda a cozinhar e de vez em quando me faça alguma surpresa nesse sentido, além, naturalmente do indefectível churrasco de fim de semana. Que você me presenteie pelo menos nas datas mais importantes e nunca, jamais, ouviu bem? Nunca se esqueça de alguma delas, sobretudo, a do meu aniversário. Que você esteja sempre disposto a me ouvir e conversar sobre todos os tipos de assunto sem pretextar cansaço ou falta de tempo. Que você tenha paciência com meu jeito de ser e não me peça toda hora para agir assim ou assado, sobretudo diante dos teus amigos, irmãos e mãe. Que não implique com as roupas que eu quiser usar quando a gente for a algum jantar ou almoço da firma, mesmo quando eu esteja acintosamente com vontade de me mostrar...



Chegados a este ponto ambos concordaram que esta palavrinha, casamento, implicava mais perdas que benefícios e decidiram por bem revogá-la dos seus planos antes mesmo que entrasse em vigor, a fim de que, afastados todos os inconvenientes dessa relação formal, eles pudessem viver, na sua plenitude, o amor que sentiam um pelo outro.



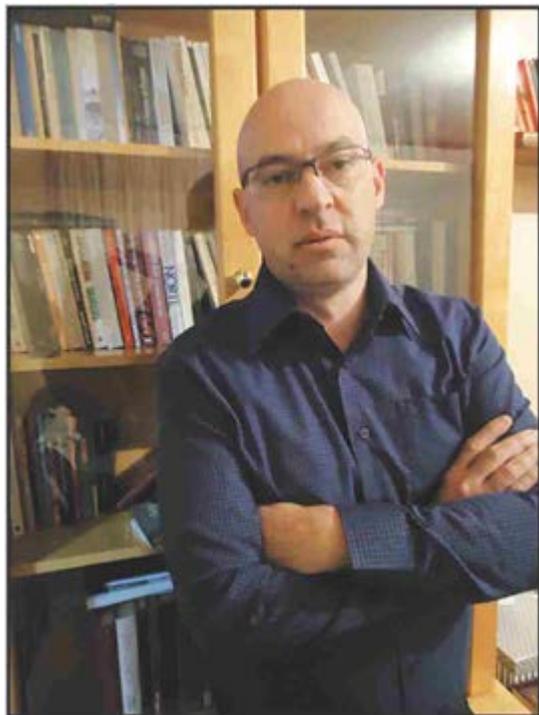
Catálogo de Livros – Projeto Passo Fundo

1	Picanhas 2ª Ed	Livro	Araldi, H
2	Cerrito do Ouro à Coxilha	Livro	Ayres, O
3	Cerrito do Ouro à Coxilha	E-book	Ayres, O
4	Conversa entre educadoras -Novos Diálogos	E-book	Bodah, E
5	Conversa entre educadoras -Novos Diálogos	Livro	Bodah, E
6	Conversa entre educadoras: do dia-a-dia	Livro	Bodah, E
7	Conversa entre educadoras: do dia-a-dia	E-book	Bodah, E
8	Receitas Vegetarianas	E-book	Bodah, E
9	A cuidadora	E-book	Both, A
10	A noite	E-book	Both, A
11	Música e educação / o contra baixo e a bossa	E-book	Carraro, G
12	Música e educação / o contra baixo e a bossa	Livro	Carraro, G
13	A ciência como ela é...	E-bookFree	Cunha, G
14	Cientistas no divã	E-bookFree	Cunha, G
15	Galileu é meu pesadelo	E-bookFree	Cunha, G
16	Juvenildade	E-book	Damian, G
17	Eleições em Passo Fundo	Livro	Damian, M
18	Enciclopédia do Futebol Gaúcho	Livro	Damian, M
19	Futebol de Passo Fundo	E-bookFree	Damian, M
20	O mais querido da cidade	E-bookFree	Damian, M
21	Emoções	Livro	Dinarte, C
22	Emoções	E-book	Dinarte, C
23	Nós, entre o Céu e a Terra	E-bookFree	Dinarte, C
24	Permitam-me Sonhar	E-bookFree	Dinarte, C
25	Poesia:Um Passe de Mágica	E-bookFree	Dinarte, C
26	Brevidades	E-book	Du Bois, P
27	Brevidades	Livro	Du Bois, P
28	Via Rápida	Livro	Du Bois, P
29	Via Rápida	E-book	Du Bois, P
30	Micos e Microfones : Relatos humorados sobre rádio e televisão	Livro	Fernandes, H
31	Micos e microfones: Relatos humorados sobre rádio e televisão	E-book	Fernandes, H
32	Cronologia do Ensino em Passo Fundo	E-book	Gehm, D
33	Crepúsculo Vazio	E-bookFree	Machado, A
34	Pântano Florido	E-bookFree	Machado, A
35	Safrá Amarga	E-bookFree	Machado, A



36	A campanha da legalidade em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
37	A trova no Espírito Santo	E-book	Monteiro, P
38	A trova no espírito santo :história e antologia	E-book	Monteiro, P
39	Combates da revolução federalista em Passo Fundo	E-book	Monteiro, P
40	eu resisti também cantando	E-book	Monteiro, P
41	eu resisti também cantando	Livro	Monteiro, P
42	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	Livro	Monteiro, P
43	O massacre de porongos & outras histórias gaúchas	E-book	Monteiro, P
44	A Pregação dos Tradicionalistas	E-book	Nascimento, W
45	Academia da bocha	E-book	Nascimento, W
46	Casamento	E-book	Nascimento, W
47	Construindo Passo Fundo 1857-2007	DVD	Nascimento, W
48	De Capela a Catedral	E-book	Nascimento, W
49	Maragatos e Pica-Paus	E-book	Nascimento, W
50	Perfil da Academia PFundense Letras	E-book	Nascimento, W
51	Vultos da História de P.Fundo	Livro	Nascimento, W
52	À esquerda	E-book	Noal, H
53	À esquerda	Livro	Noal, H
54	Meninos do Crack	Livro	Nonemacker, A
57	Fúnebre cortejo & outras histórias	Livro	Nunes, L
58	Fúnebre cortejo & outras histórias	F-book	Nunes, L
59	A bolsa da minha mãe	Livro	Perez, J
60	A bolsa da minha mãe -/E-book	E-book	Perez, J
61	Fugaz Idade	Livro	Perez, J
62	Coletânea de Poemas 2011	E-book	Projeto
63	Coletânea de Poemas 2011	Livro	Projeto
64	Contos SCI-FI - Além da imaginação	E-bookFree	Scofield, V
65	Genius - O relógio do tempo	E-bookFree	Scofield, V
66	Genius: origem	Livro	Scofield, V
67	Gênios: origem	E-book	Scofield, V
68	SCI-FI -Tales beyond imagining	E-bookFree	Scofield, V
69	15 dia que abalaram P.Fundo	Livro	Tasca, I
70	15 dias que abalaram Passo Fundo	E-book	Tasca, I
71	Crônica sobre uma querência hospitaleira	Livro	Tasca, I
72	Canção da liberdade	E-bookFree	Valle, J
73	Cânticos do amor à vida	E-bookFree	Zauza, G
74	Divã Lágrimas e libertação	E-bookFree	Zauza, G
75	Energia psíquica e psicoterapia objetiva: Teoria e prática	E-bookFree	Zauza, G
76	Solidão e dor	E-bookFree	Zauza, G





O autor tem 44 anos. É formado em Direito pela Universidade de Passo Fundo e trabalha como auditor do Tribunal de Contas do Estado do RS.

Este é seu terceiro livro – o primeiro em prosa. Os 2 primeiros foram lançados em 2006 e 2010 e podem ser encontrados no site:

www.projelopassofundo.com.br/lojavir1ual.

A bolsa da minha mãe sempre exerceu um fascínio sobre mim. Mas, para a criança que fui, o acesso a ela sempre me foi negado. Talvez por causa de uma compreensão insuficiente de minha mãe dos intrincados processos imaginativos que fazem uma criança ter uma fixação tão grande por um objeto do seu exclusivo uso pessoal. O fato, porém, é que essa bolsa monopolizava minha atenção todas as vezes em que se me apresentava a oportunidade de vasculhar o seu interior. Mas, com uma pontualidade beirando à crueldade, minha mãe barrava todas as minhas investidas neste terreno que, em última instância, só lhe dizia respeito. Romper, pois, essa barreira passou a constituir uma obsessão para mim; para ela, porém, era um ato de atrevimento de um filho, inconcebível de ser tolerado.

Mas eu não me dava por vencido.

Excerto do conto
A Bolsa da Minha Mãe



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

